



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS - LIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PPGL

**ANÁLISE LINGUÍSTICA DE UM LIVRO TIKÚNA:
REVIVENDO *TORU DÛ'ÛGU***

ANITA FERMIN VASQUES

**BRASÍLIA
2010**



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS - LIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PPGL

ANÁLISE LINGUÍSTICA DE UM LIVRO TIKÚNA.
REVIVENDO *TORU DÛ'ÛGU*

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Linguística.

Orientador: Aryon Dall'Igna Rodrigues

BRASÍLIA
2010



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS - LIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PPGL

ANÁLISE LINGUÍSTICA DE UM LIVRO TIKÚNA.
REVIVENDO *TORU DÛ'ÛGU*

ANITA FERMIN VASQUES

Banca examinadora:

Prof. Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues

(Orientador da dissertação e presidente da banca)

Prof. Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral

(Membro efetivo interno)

Profa. Dra. Dulce do Carmo Franceschini

(Membro efetivo externo)

Profa. Dra. Maria Luísa Ortiz

(Membro suplente)

BRASÍLIA
2010

**Dedico este trabalho aos meus filhos Josué, Caleb,
Fredy e Ely e a toda a minha família e amigos.**

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço ao meu povo, com muito orgulho, por eu poder estar realizando esse estudo aqui na Universidade de Brasília.

Agradeço da mesma forma a Deus Yo'i, que iluminou meu caminho durante a minha trajetória e que me proporcionou realizar esse sonho, que de antemão eu julgava ser impossível.

Agradeço à minha família, ao meu esposo Eli Leão Catachunga, que, de forma especial e carinhosa, me deu força nos momentos de dificuldades. Quero agradecer também aos meus filhos Caleb Vasques Catachunga, Josué Vasque Catachunga, Fredy Vasques Catachunga e Ely Willian Vasques Catachunga, que embora não tivessem conhecimento disto, iluminaram de maneira especial os meus pensamentos e me levaram a buscar mais conhecimentos. Ao meu irmão Jurandir Nicanor Alfredo, que ajudou a cuidar dos meus filhos, quando eu não podia ficar em casa. E não deixando de agradecer de tal forma grata e grandiosa aos meus pais Aristides e Doloria.

Agradeço, com imenso carinho, ao professor Aryon Dall'Igna Rodrigues, meu orientador, que me apoiou e me ajudou, principalmente através das orientações que me deu, pois aprendi com ele as diferenças que há entre as línguas indígenas brasileiras. Tenho orgulho dele por ter contribuído, com o seu conhecimento em línguas indígenas, para o fortalecimento da língua e cultura Tikúna.

À professora Ana Suelly, que também me ajudou muito, ensinando-me linguística e dando-me orientação, que é uma pessoa muito boa, com quem pude aprender muitos ensinamentos e que tem paciência para nos ensinar. Agradeço de coração pelo carinho que tem por mim e por todos os indígenas com quem ela trabalha, que seja sempre assim.

Agradeço aos amigos do LALI, que me receberam bem e a quem eu nunca vou esquecer e sempre vou lembrar. A Ariel Pheula de Couto e Silva, Ana Helena Barbosa de Oliveira, Chandra Wood Viegas, Maxwell Gomes Miranda e Sanderson Castro Soares de Oliveira, que sempre me ajudaram com o português e com a formatação dos trabalhos. Ao Fernando Orphão de Carvalho, que me ajudou a entender a fonética e a fonologia da língua Tikúna. A Suseile Andrade Sousa, por sua amizade, que sempre me

ajudava e me dava suporte. E aos demais amigos, indígenas e não-indígenas, que integram a equipe do LALI e com quem pude conviver durante esses últimos anos.

Agradeço ao Prof. Jorge Lopes pela fundamental ajuda na formatação da versão final desta dissertação.

Agradeço à professora Jussara Gruber, por sua contribuição nessa dissertação e também por ter sido minha professora nos cursos de formação de professores indígenas. Por sua grande contribuição com a educação indígena dos Tikúna, sem a qual, eu acredito, que eu nem estaria terminando esse mestrado, pois foi através de sua luta, levando cursos e oficinas para o Alto Solimões, que os Tikúna puderam chegar onde estão hoje, por isso, trata-se de uma pessoa muito importante para mim. Tenho somente a agradecer a ela.

Agradeço a todos da Organização Geral dos Professores Tikúna do Brasil – OGPTB, que possibilitaram a minha formação anterior.

Agradeço à ONG que me acolheu e me ajudou com uma moradia e alimentação, durante esses anos em Brasília.

Ao CNPQ, pela concessão da bolsa de pesquisa, que possibilitou os primeiros semestres do meu mestrado.

À CAPES, pela concessão da bolsa, através do Projeto *Rede de Estudos Pesquisa e Formação de Professores Pesquisadores em Linguística e Educação Escolar Indígena* (Observatório da Educação Escolar Indígena, 2010), coordenado pela professora Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, que possibilitou o último semestre do meu mestrado.

Evare, Evare! Tatxi i tatxi i.
Nawa tiri nawa tiri
Jatana títí'í napo ηí'í
Ja'o'i'o'i 'o'io'i, Jo'i Jo'i Jo'i Jo'i.
Evare, Evare! Evare, Evare!
Tatxitatxiĩ, Tatxitatxiĩ.
Nawa tiri, nawa tiri
Jatana títí'í napo ηí'í
Jao'io'i Jo'i, Jao'io'i Jo'

RESUMO

Esta dissertação consiste na análise linguística do livro *TORU DŨ'ŨGU*, o primeiro livro escrito com a participação plena do meu povo Tikúna do Brasil e que representa um marco na história da nossa educação formal. Os textos do livro em língua Tikúna foram revisados e, com base na leitura dos mesmos por um Tikúna, procedemos á uma transcrição fonética e, na sequência, a uma análise fonológica e morfológica dos dados. Este estudo permitiu uma primeira revisão dos textos do livro *TORU DŨ'ŨGU*, tendo em vista também o conteúdo dos mesmos. O estudo seguiu uma metodologia de análise estrutural e funcional do material linguístico e teve como referências os estudos de Rodrigues (1986), Payne (1997) e D'Angelis (2005), mas considerou especialmente os estudos de Lowe (1960) Soares (1986, 2000, 2005) e Rodriguez (2004) sobre a língua Tikúna. Com este estudo pretendo estimular a discussão sobre a escrita de minha língua Tikúna falada no Brasil e eleger o nosso primeiro livro como um importante material de discussão sobre a escrita, letramento e ensino da língua Tikúna no Brasil, nas escolas das aldeias onde é falada.

Palavra-chave: Língua Tikúna. Escrita Tikúna. Descrição Linguística. Línguas indígenas na escola.

ABSTRACT

This dissertation consists of a linguistic analysis of the book *TORU DŨ'ŨGU*, the first written literature made up with the full participation of my people, the Tikúna of Brazil. It represents a landmark in the history of our formal education. The Tikúna texts were revised and, based in its reading by a Tikúna man, we have proceeded to a phonetic analysis, followed by a phonological and morphological analysis of the data. This study had permitted a first revision of the *TORU DŨ'ŨGU* original texts, taking into account their contents. The study had followed a methodological structural and functional analysis of the linguistic material, based on reference studies by Rodrigues (1986), Payne (1997) and D'Angelis (2005), but it also had considered the Tikúna language studies by Lowe (1960), Soares (1986, 2000, 20005) and Rodriguez (2004). With this study I intend to shed lights on the writing of the Tikúna language spoken in Brazil and to elect our first book as an important material for the discussion on the Tikúna written system, literacy and formal education of the Tikúna language of Brazil in the villages where it is spoken.

Keywords: Tikúna language. Tikúna literacy. Linguistic description. Indian languages at school.

LISTA DE ABREVIATURAS

3	TERCEIRA PESSOA
NLZ	NOMINALIZADOR
ASS	ASSOCIATIVO
AUX	AUXILIAR
REM	MARCADEOR DE PASSADO
COL	COLETIVO
CORR	CORREFERENCIAL
CER	GRAU DE CERTEZA E MODALIDADE ALÉTICA / EPISTÊMICA
DAT	DATIVO
ESS	LOCATIVO AUXILIAR
ENFA	ENFÁTICO
I.V.	INFORMAÇÃO VERDADEIRA
TOP.1	TÓPICO UM
TOP.2	TÓPICO DOIS
GEN	GENITIVO
LOC	LOCATIVO
P	INFORMAÇÃO DESCONHECIDA PELO FALANTE
PL	PLURAL
PROG	PROGRESSIVO
PROJ	PROJETIVO
REC	RECÍPROCO
3P. OBJ.	TERCEIRA PESSOA OBJETO / “OBJETO INTERNO”
3SF	SINGULAR FEMININO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E QUADROS

MAPA 1 – TERRA INDÍGENA TIKÚNA	17
QUADRO 1 – QUADRO FONÉTICO DOS SEGMENTOS CONSONANTAIS	50
QUADRO 2- QUADRO FONÉTICO DOS SEGMENTOS VOCÁLICOS ORAIS	50
QUADRO 3 – QUADRO FONÉTICO DOS SEGMENTOS VOCÁLICOS NASALIZADOS	50
QUADRO 4 – QUADRO FONOLÓGICO DOS SEGMENTOS CONSONANTAIS	51
QUADRO 5 – QUADRO FONÉTICO DOS SEGMENTOS VOCÁLICOS ORAIS	51
QUADRO 6 – QUADRO SINÓTICO DOS SEGMENTOS VOCÁLICOS NASALIZADOS	51

SUMÁRIO

Resumo	vii
Abstract	viii
Lista de abreviaturas	ix
Lista de ilustrações e quadros	x
CAPÍTULO I – Introdução	13
1. Introdução	13
1.2 Objetivo do trabalho	15
1.3 Fundamentação teórica e metodologia	15
1.4 Justificativa	15
1.5 Resultados	16
1.6 Organização dos capítulos	16
CAPÍTULO II - O Povo e a Língua Tikúna	17
2. Aspectos da cultura do povo Tikúna	17
2.1 Situação geográfica e breve referência histórica	17
2.2 Vida social: a festa da moça-nova	19
2.3 Alimentação	20
2.4 Atividades femininas e masculinas	20
2.5 Caça e pesca	20
2.6 Arte e artesanato	21
2.7 Casamento	22
2.8 Escolas Tikúna	22
CAPÍTULO III – O livro <i>Toru Duũ'ũgu</i>	24
3. Sobre o Livro	24
3.1 A história da produção do livro <i>Toru Duũ'ũgu</i>	24
3.2 Uma explicação das histórias	26

3.2.1	Como surgiu o mundo antigamente	26
3.2.2	Como nasceram Yo'í e seu irmão	27
3.2.3	A onça come Ngutapa	28
3.2.4	Como apareceu o dia	31
3.2.5	O coração da Samaumeira	33
3.2.6	História de Tetchi'i aru ngu'u	34
3.2.7	O povo pescado por Yoí	37
3.2.8	História do matchí'i	39
3.2.9	História do Ucae	40
3.2.10	História do Moe	42
3.2.11	História do Metare	47
3.2.12	Wūcutcha	48
CAPÍTULO IV – Análise linguística dos textos		50
4.	Análise linguística de três textos do livro <i>Toru Duu'ũgu</i>	50
4.1	Sobre a segmentação e análise linguística dos morfemas	51
4.1.1	Análise dos textos	52
4.1.1.1	Texto I	52
4.1.1.2	Texto II	65
4.1.1.3	Texto III	69
5.	Conclusão	90
6.	Referências bibliográficas	91

Capítulo I - Introdução

1. Introdução

Nesta dissertação apresento uma análise linguística do livro *Toru Duu'ũgu*, o primeiro livro escrito em língua Tikúna com a participação dos Tikúna do Brasil durante todo o processo de sua elaboração. A análise tem em vista principalmente a minha formação em linguística que me abrirá caminhos para que eu possa atuar como professora nos cursos de formação superior indígena voltados para o povo Tikúna, do qual sou parte como membro da Nação de Sangue Onça.

Escolhi como tema desta minha dissertação de mestrado o livro *Toru Duu'ũgu*, pelo seu significado simbólico, no contexto histórico em que o meu povo deu início ao importante processo de luta pela demarcação de suas terras. As áreas Évare I e Évare II levam sabiamente o nome de nossa terra de origem, na qual nossos heróis criadores nos pescaram e a partir da qual surgiu esse povo Tikúna, que aqui represento e do qual me orgulho pela sua força em resistir enquanto Tikúna.

Nesta dissertação, ao analisar o livro *Toru Duu'ũgu* e as narrativas tradicionais Tikúna que o compõem, empreendo uma análise, através da qual mostro como, na época em que foi produzida essa obra, a escrita adotada era uma escrita de natureza predominantemente fonética, e apresento uma análise morfológica das palavras que compõem cada sentença de três dos relatos míticos do livro, acentuando que a forma fonológica dessas palavras deve ser considerada como referência para uma grafia facilitadora da nossa comunicação por escrito.

Nesta dissertação, proponho também uma tradução livre dos textos, tendo por base a tradução das formas morfológicas das palavras, permitindo assim duas traduções para cada mito, uma literal e outra livre. É justamente esta tradução literal que mostrará que os resultados do meu estudo servirão para a socialização do aprendizado sobre o conhecimento científico de minha língua entre os professores do meu povo Tikúna. Para mim foi fundamental a compreensão de que há dois níveis de interpretação dos sons da minha língua, um fonético e o outro fonológico, da mesma forma como foi importante entender que as palavras Tikúna têm uma estrutura interna e que algumas de suas partes se relacionam com partes de outras palavras da mesma sentença, as quais, juntas, contribuem para o significado geral desta.

O presente estudo tem uma perspectiva também aplicada, embora de caráter eminentemente descritivo. Essa perspectiva contribui para uma descrição linguística feita por uma falante nativa da língua Tikúna, que, pela primeira vez, faz uso da intuição nativa para

analisar a sua própria língua e associa os resultados da descrição a fins aplicados, atualizando um material literário e didático que representa um marco na história da escrita da língua Tikúna no Brasil e na história da educação escolar Tikúna. Esse trabalho servirá como base de discussão sobre a evolução necessária da normatização da língua Tikúna.

A ideia de uma análise linguística dos textos do livro *Toru Duiũũgu* como um exercício concretizou-se como um processo, durante o qual passei a ver minha língua não mais como algo difícil de escrever, e mesmo de ler, mas a apreciar o seu significado, as características que a distinguem de outras línguas como o Português, o Espanhol e outras línguas indígenas do Brasil. I.V.im, este trabalho me ajudará a crescer e a aprofundar cada vez mais o conhecimento linguístico de minha própria língua. O trabalho será fundamental na minha trajetória como professora, iniciada em 1993, e agora com a colaboração de todos os professores Tikúna, com os quais continuarei trabalhando dentro do sistema Tikúna de socialização do conhecimento, em que todos os professores têm a mesma voz, sejam eles mestres, doutores ou outros, pois todos eles são detentores do conhecimento da nossa cultura e da nossa língua nativa.

Gostaria ainda de destacar nesta introdução que fui alfabetizada na escola da minha aldeia, a aldeia de Filadélfia¹, onde continuei estudando até a 4ª. série. Naquele tempo ainda não havia nessa escola as séries finais do Ensino Fundamental. Então tive de continuar os estudos numa escola na cidade de Benjamin Constant. As aulas eram de manhã, e por isso eu precisava sair de casa muito cedo e percorrer a pé mais de 7 km de estrada que vai da aldeia á cidade. Antes de terminar a 8ª. série, ingressei no recém criado Curso de Formação de Professores Ticunas, organizado e mantido pela OGPTB². Nesse curso, concluí o 1º. grau, que já continha em seu programa disciplinas de preparação para o magistério. Depois segui meus estudos na segunda fase do mesmo curso, terminando em 2001 o Ensino Médio com Habilitação para o Magistério. Com essas palavras quero destacar que minha formação inicial

¹ A aldeia de Filadélfia fica situada no município de Benjamin Constant, na Terra Indígena Santo Antônio.

² A Organização Geral dos Professores Ticunas Bilíngues (OGPTB) foi fundada em 1986, e congrega professores indígenas de seis municípios do Alto Solimões. Em 1993, a OGPTB iniciou um curso para formação de professores ticunas da região, o qual passou a funcionar no Centro de Formação de Professores Ticunas – Toru Nguetatau, construído na aldeia de Filadélfia, neste mesmo ano, pela própria organização. Neste Centro, 241 professores Ticuna concluíram o 1º. Grau, e 204 terminaram o Curso de Magistério entre 2001 e 2002. Atualmente funciona aí o Curso de Licenciatura para Professores Indígenas do Alto Solimões, idealizado e planejado pela OGPTB, e conduzido pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA) em parceria com esta organização.

como professora aconteceu na própria aldeia, em cursos específicos para professores indígenas promovidos pela nossa organização.

1.2 Objetivo do trabalho

O presente estudo tem como principal objetivo abrir novos espaços para a discussão sobre a normatização da escrita da língua Tikúna no Brasil, de forma que a literatura Tikúna tenha uma escrita unificada para que possa ser socializada com mais facilidade entre os Tikúna do Brasil. É também objetivo deste estudo estimular a escrita de literatura na língua desse povo e pôr em relevo a importância da formação linguística de professores falantes nativos de línguas indígenas do Brasil, para que estes possam contribuir efetivamente com o ensino de suas línguas nativas nas escolas das aldeias e contribuir cada vez mais para a saúde de suas respectivas línguas.

1.3 Fundamentação teórica e metodologia

A análise linguística fundamentou-se na visão de que a língua, como expressão máxima de uma cultura, não pode ser estudada descontextualizada; que os diferentes tipos de discurso são os materiais que devem orientar as análises linguísticas, e que forma e função não podem ser dissociadas uma da outra. O estudo seguiu estratégias de análises contrastivas, considerou a existência de paradigmas e de distribuição dos elementos que os constituem. Finalmente, o estudo orientou-se por metodologias usadas em estudos descritivos básicos, sem preocupações em demonstrar teorias, mas de contribuir para a construção de teorias sobre aspectos da língua Tikúna.

As leituras que contribuíram principalmente para meu conhecimento sobre a situação das línguas indígenas brasileiras foram A. D. Rodrigues (1986, 2006), Monserrat (1997), e sobre os métodos de análise linguística foram J. Mattoso Câmara Jr. (1990), A. D. Rodrigues (1986), T. Payne (1997), J. Lyons (1990), H. Weiss (1980), Lowe, I. (1960).

1.4 Justificativa

Escolhi os textos do livro para praticar a análise linguística de minha língua, justamente por se tratar de material que havia sido transcrito por professores Tikúna a partir de relatos feitos por dois narradores Tikúna, hoje já falecidos. Ao lidar com esses textos,

minha pretensão era saber até que ponto a versão escrita desses relatos correspondia á fala dos narradores Tikúna ou se eles haviam sido adaptados á forma escrita de minha língua. Outra preocupação minha era contribuir com uma correção dos textos, não apenas do ponto de vista da grafia, mas também das palavras Tikúna, assim como da expressão de pensamentos maiores que correspondem a frases, orações e sentenças em Português.

Realizar a análise dos textos do livro *Toru Duu`ũgu* foi a grande motivação deste estudo. Aprender como as palavras da minha língua são constituídas, observar suas formas fonológicas e a combinação de palavras em estruturas maiores teria de ser para mim o grande desafio. Esse desafio tinha uma razão maior que é a de poder ampliar o conhecimento sobre minha língua e poder transmitir esse conhecimento para as futuras gerações de Tikúna que se formarão como professores e que continuarão o trabalho de defesa e fortalecimento dessa língua.

1.5 Resultados

Um dos resultados deste estudo é a revisão de parte do livro *Toru Duu`ũgu*, que alimentará várias discussões sobre a formação linguística de professores Tikúna, abrirá espaços para reflexões sobre a grafia de nossa língua e estimulará outros Tikúna a desenvolverem especializações em linguística, para que cresça o grupo de indígenas Tikúna que estudem cientificamente sua língua nativa e que contribuam para o conhecimento científico da mesma em conjunto com os linguistas de outras etnias, que estudam suas línguas (por exemplo, a Kokáma), no Brasil e no exterior.

1.6 Organização dos capítulos

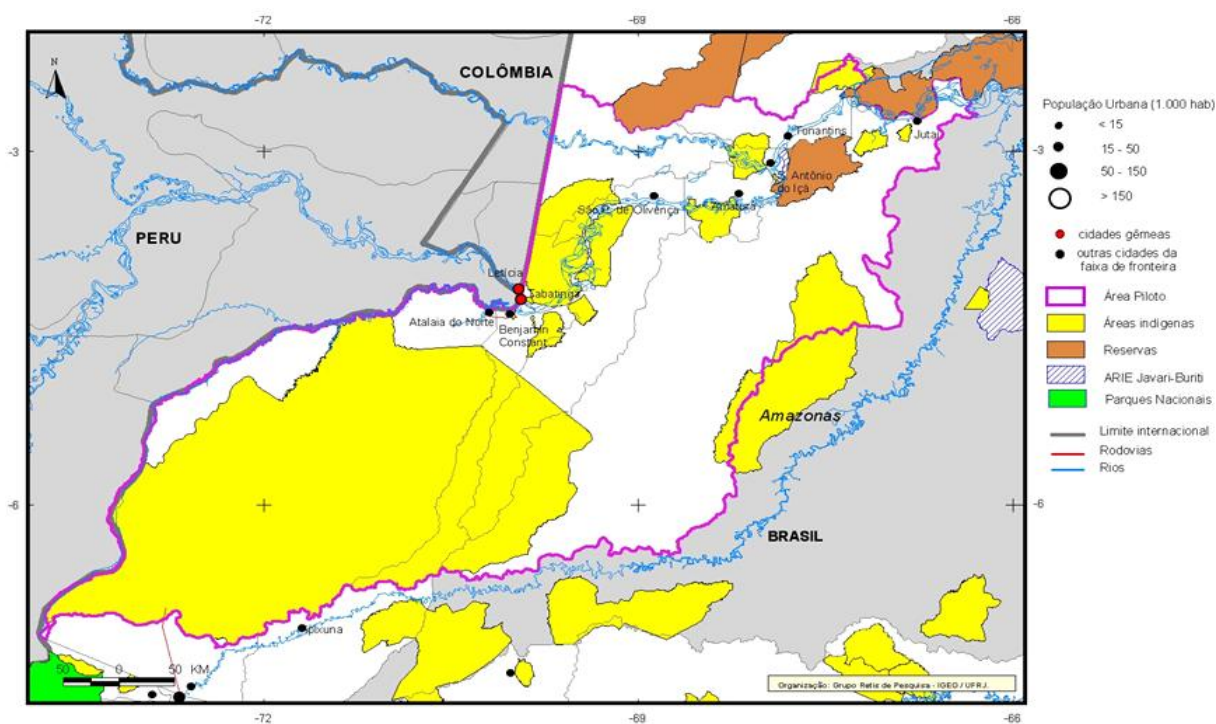
Esta dissertação encontra-se organizada da seguinte forma. No capítulo I será apresentada uma introdução da dissertação com os objetivos, a metodologia, a justificativa e os resultados esperados. No capítulo II serão apresentadas informações sobre a situação geográfica do povo Tikúna, a organização social da comunidade, alguns aspectos culturais e também informações sobre a língua Tikúna. No capítulo III serão explicadas as histórias que constituem o livro *Toru Duu`ũgu*. No capítulo IV será apresentada a análise linguística de três textos do livro. E, por fim, no capítulo V, apresentamos as conclusões a que chegamos com o estudo. Em seguida, apresentamos as referências bibliográficas.

CAPÍTULO II - O Povo e a língua Tikúna

2. Aspectos da cultura do povo Tikúna

2.1. Situação geográfica e breve referência histórica

Com aproximadamente 40.000 indivíduos, a grande maioria da população Tikúna habita nas aldeias localizadas em áreas indígenas distribuídas pelas margens e afluentes do rio Solimões, nos Municípios de Tabatinga, Benjamin Constant, São Paulo de Olivença, Amaturá, Santo Antônio do Içá, Tonantins, Jutai, Fonte Boa, Alvarães e Tefé, todos no estado Brasileiro do Amazonas. Existem, no entanto, grupos Tikúna vivendo em trechos mais baixos do curso do Amazonas, até próximo de Manaus, assim como em outros afluentes do mesmo, como o Japurá. Algumas das áreas indígenas habitadas por Tikúna podem ser vistas no mapa abaixo:



Mapa 1: Terra Indígena Tikúna

Também cabe destacar que uma parte da população Tikúna vive no Peru e na Colômbia, na região que faz fronteira com o Brasil.

As primeiras notícias sobre os Tikúna são do início do século XVII e foram registradas por Cristóbal de Acuña no livro Novo Descobrimento do Grande Rio das

Amazonas³. De acordo com Nimuendajú (1952), em tempos anteriores á conquista do alto Solimões por portugueses e espanhóis, os Tikúna mantinham constantes I.V.rentamentos com os Omáguas – habitantes das ilhas e margens do Solimões –, e por isso refugiavam-se nas partes mais altas dos afluentes do rio Solimões.

Os Tikúna, que viviam em malocas, isolados ao longo de rios e igarapés, passam a ter maior contato com os brancos a partir das duas últimas décadas do século XIX, quando se inicia no Alto Solimões o período da extração da borracha. Segundo Nimuendajú (1952) foi uma época muito triste de servidão, em que os Tikúna viviam sob o jugo dos patrões seringalistas. Esse tempo de tristeza é sempre lembrado pelas pessoas mais velhas das aldeias, que contam para as novas gerações as grandes dificuldades e humilhações que viveram os Tikúna.

A presença da Igreja Católica, como uma agência externa com um contato mais permanente com os Tikúna, data de 1910, quando capuchinhos vindos da Úmbria (Itália) instalaram a província apostólica do Alto Solimões (Nimuendajú, 1952), construindo, ao longo do tempo, uma base sólida na aldeia de Belém do Solimões⁴.

Durante a década de 60, também missionários batistas americanos chegaram ao Alto Solimões com o objetivo de catequizar os índios. Em uma época em que os “patrões” ainda dispunham de autoridade, principalmente por serem considerados os donos da terra onde moravam os Tikúna, esses missionários utilizaram, como uma das estratégias de mobilização da população indígena da região, a compra de terras, que disponibilizaram para os que quisessem viver junto, compartilhando os ensinamentos de sua religião. Desta forma, surgiram ainda outros aglomerados, que hoje identificamos como algumas das aldeias Tikúna de maior expressão populacional, como Campo Alegre e Betânia.

Em razão desse novo contexto, resultante da atuação de diferentes agências de contato, os Tikúna acabaram por se estabelecer em aldeias que variam entre 20 e 4.000 habitantes, constituindo a atual distribuição geográfica do grupo.

³ Acuña, 1994.

⁴ Mais informações sobre a missão católica podem ser encontradas na dissertação de mestrado intitulada *Das trevas da floresta... Práticas missionárias dos capuchinhos da Úmbria no Alto Solimões (1910 – 1960)*, de autoria de Silvina Bustos Argañaraz, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Museu Nacional/UFRJ, 2004.

2.2. Vida social: a festa da moça-nova

As festas dos Tikúna sempre acontecem nas aldeias, dependendo de quais são essas festas. Mas sempre acontecem as festas da moça-nova e festas religiosas.

A festa da moça-nova é comemorada após a primeira menstruação da moça. Os Tikúna consideram a puberdade um período muito sagrado e perigoso, em que os jovens precisam de cuidados especiais e orientações dos mais velhos. O ritual da moça-nova tem a finalidade de iniciar a menina-moça para a vida adulta.

A partir da primeira menstruação, a menina é conduzida para um local reservado (atualmente o mosquiteiro) dentro da casa dos pais, onde permanecerá como se estivesse em um casulo, durante vários meses ou até um ano, enquanto seus familiares dedicam-se aos preparativos da festa. Longe dos olhos do mundo e em total silêncio, a jovem manterá contato somente com a mãe e com a tia paterna e só sairá raramente sem que ninguém a veja.

Durante este período, a moça deve dedicar-se ao aprendizado dos afazeres femininos, como a preparação dos fios de tucum, a confecção de redes e bolsas, podendo também produzir outros objetos, como esteiras ou cestos.

A moça, semelhantemente a uma borboleta, quando sair de sua reclusão será reintegrada á comunidade como uma moça 'nova', ou seja, uma mulher adulta que estará pronta para casar e se tornar um membro ativo da comunidade.

Este ritual de passagem inclui a preparação de trombetas, flautas, tamborins e vários mascarados que representam macacos e outros bichos que habitam a floresta e os rios. Também são feitos I.V.eites para a moça, como cocar, manto, tanga, colares e pulseiras. Esses dias são de grandiosa festa, que demora vários dias.

As comidas são preparadas com antecedência, assim como as bebidas, como o pajuaru, que é uma bebida fermentada feita de macaxeira. Meu avô sempre falava de uma máscara que representava um monstro que vive na água e cuja cabeça tem mais de um de metro de altura. É representado por uma máscara que tem cara de serpente e boca sem dentes. Durante muito tempo este monstro comeu os Tikúna, e foi morto quando o encontraram num buraco, o queimaram com pimenta e a fumaça o suTOP.2ou.

Para iniciar o ritual, os pais da moça-nova oferecem comida e bebida para os convidados. Os participantes dançam ao ritmo de tamborins, flautas e cantos rituais, todos adornados com as tiras dos buritis e pinturas faciais, de acordo com a representação dos clãs a que pertencem.

No terceiro dia da festa, os pais da moça-nova retiram-na da reclusão. É quando ela vai aparecer publicamente. Ela estará de olhos vendados por uma coroa de penas de arara. Ela

está pronta para a pelação dos cabelos. Todos os convidados participam. O pajé lhe entrega um tição aceso e ela atira com força contra uma árvore que simboliza o mal. Deste modo, o espírito fica imune contra os espíritos malignos.

No final da festa os participantes se reúnem para tirar todos os adornos da casa da festa, juntamente com moça-nova, que é levada sentada numa esteira feita de tururi pelo pessoal, para atirá-la no igarapé e tomar banho junto com a moça-nova.

2.3. Alimentação

Os Tikúna se alimentam á base de farinha de mandioca, cará, macaxeira, farinha de tapioca. O preparo dos peixes, quase diário, é feito principalmente de duas formas diferentes, peixe cozido e peixe assado.

Também é muito comum fazer peixe assado moqueado, que é acompanhado com uma cuinha de sal e pimenta coloCADA ao lado, em que todos molham o dedo. A farinha de mandioca torrada é muito consumida, muitas vezes misturada com vinho de açáí. É importante na alimentação do povo Tikúna o mingau de banana madura e a macaxeira cozida.

2.4. Atividades femininas e masculinas

A mulher Tikúna faz artesanato de vários tipos, como bolsas, cestos, redes, tIpítis, peneiras, colares, brincos. É ela quem cozinha, prepara a bebida para festa, limpa a casa, busca lenha, cuida da roça, lava roupa, moqueia peixe, assa banana, enquanto que o homem é quem caça anta, tatu, caititu, preguiça-real, paca, cutia, macaco, veado, e também é quem pesca, faz casa, faz canoa, derruba árvores para fazer roça, roça bananeira, busca palha de caraná para fazer a casa, busca estaca, faz arco e flecha. Antigamente cabia também aos homens a confecção da zarabatana e do veneno que se chama curare. Foi Yoí e seus irmãos que ensinaram os Tikúna a fazer os objetos.

Algumas atividades tanto o homem quanto a mulher podem fazer, como tecer a palha de caraná para cobrir a casa, plantar e capinar a roça, torrar a farinha e buscar frutas na mata.

2.5. Caça e pesca

A caça é praticada por muitos, pois tradicionalmente está bastante ligada aos Tikúna. Em geral são os homens que caçam, mas em algumas situações as mulheres também exercem

essa atividade. Durante o dia acontece a caça da paca, do macaco-guariba, do macaco-prego, macaco-da-noite, quati, porco-espinho, porco-do-mato, prequiça-real e outros, enquanto à noite podem ser caçados o veado, o jacaré, a anta, queixada, mucura, mutum, manguari e outros.

A pesca também é uma atividade preferencialmente masculina, mas há mulheres que saem para pescar. Às vezes elas acompanham seus maridos e ajudam a tratar o peixe e salgar. Há mais os peixes de noite, quando eles comem as frutas da mata no igapó ou nas várzeas no tempo da alagação ou no tempo de piracema no rio.

2.6. Arte e artesanato

O artesanato é, em geral, responsabilidade das mulheres. Numa família Tikúna quase todas as mulheres sabem fazer bolsa de fibra de tucum, bolsa de arumã, maqueira de tucum, cesta de arumã, tIpíti de arumã para espremer a massa de mandioca para fazer a farinha, peneira de arumã, cocar de penas de arara vermelha e de arara azul e de penas de papagaio. Para fazer brincos usam penas de arara azul, arara vermelha e papagaio e sementes de açaí, de bacaba e de tucum, e penas de outros pássaros; fazem colares com dentes de jacaré, sementes de tucumã, de babaçu, de flor olho-de-boi, de avai, de jarina, de seringueira, de lágrima-de-nossa-senhora. Desde o surgimento do povo Tikúna, no momento que ainda estavam dentro do Joelho de Ngutapa, as mulheres estavam tecendo, e, quando saíram do Joelho, a Mowatcha saiu com a maqueira e a peneira já feitas, e a Aikuna também saiu com a bolsa e o cesto já feitos. Então foram essas pessoas que inventaram todos os objetos que os Tikúna usam até agora. Com elas as mulheres Tikúna aprenderam a fazer os vários tipos de artesanato e depois foram aperfeiçoando até os dias atuais. Os homens Tikúna são habilidosos artesãos para confeccionar esculturas em madeira (miniaturas de animais e de peixes, bancos e outros objetos) ou em caroço de tucumã (colares, anéis, pulseiras), assim como para pintar as entrecascas de árvores chamadas tururi. Na minha comunidade as mulheres fabricam artesanato em quantidade para vender nas cidades mais próximas ou na capital Manaus. Os Tikúna também sabem preparar tintas tiradas de várias plantas para fazer desenhos e pintura de tururi, tingir as fibras de tucum para fazer bolsas e redes e pintar as tiras de arumã.

2.7. Casamento

A nação Tikúna está organizada socialmente em dois grupos: 1) os que voam, como a garça, o japó, a arara, o mutum, o urubu-rei, o maguari e a galinha; 2) os que não voam, como a onça, a saúva, o avai, o buriti e o jenipapo. No casamento Tikúna não é permitida a união de pessoas do mesmo clã. Elas não podem casar entre si, pois para o casamento ser aceito elas têm que ser de clãs diferentes. O casamento, muitas vezes, é combinado pelos pais da moça e do rapaz e o contrato acontece quando ambos ainda são crianças. É o pai que escolhe. Por exemplo, uma moça do clã do jenipapo pode se casar com um rapaz do clã da garça ou do japó sem problemas, mas não pode se casar com alguém do clã do pai, no caso, jenipapo.

Resumindo: por via de regra os clãs dos que voam podem se casar com os clãs dos que não voam (e vice-versa), mas nunca entre si.

A moça pode se casar depois da festa da moça-nova. Após passar o período de reclusão, uma espécie de escola em que o ancião da aldeia repassa para a menina todas as tarefas e deveres de uma mulher casada, a moça se prepara para a festa da moça-nova. Nessa festa, a moça passa por um ritual denominado pelação: os convidados da festa arrancam os cabelos da moça, que já está pintada de jenipapo. Isso é feito como símbolo de purificação e representa uma vida nova, para qual ela já está preparada e apta para o casamento.

Após o casamento, a moça passa a morar com a família do marido. Em uma aldeia Tikúna, CADA família tem sua própria casa. Depois de um ano, os recém-casados fazem o seu tapiri para morarem separados da família e se auto-sustentarem.

2.8. Escolas Tikúna

A educação escolar entre os Tikúna surgiu por iniciativa dos próprios indígenas, em alguns casos com a ajuda de segmentos religiosos evangélicos e católicos.

Afim de melhor interagir com moradores das cidades vizinhas, como Benjamin Constant e Tabatinga, tornou-se necessário saber falar a língua portuguesa, assim como ter o domínio dos números, pois era necessário saber lidar com o dinheiro no momento de comercializar os produtos que eram vendidos nos mercados das cidades.

Na minha infância, lembro-me que o cacique da minha aldeia convocou as famílias para uma reunião, em que foi apresentada a necessidade de ter uma escola para as crianças. Todos concordaram com a proposta e, então, elegeram para o cargo de professor leigo o Sr.

Antonio Fernandes, único da aldeia que tinha certo domínio da língua portuguesa, assim como da leitura e escrita.

Os pais das crianças assumiram o compromisso de contribuir mensalmente para prover o salário do professor indígena. Anos mais tarde, o cacique, com a ajuda de Nino Fernandes, um jovem líder, foram ao prefeito de Benjamin Constant para lhe apresentar a necessidade de apoio á escola por parte da prefeitura municipal. Em resposta á demanda do cacique, a prefeitura de Benjamin Constant passou a prover o apoio á escola indígena. O jovem Nino Fernandes foi contratado oficialmente pela prefeitura para assumir o cargo de professor. Na época, o Sr. Nino Fernandes era o único professor que dava aula para as turmas da primeira á quarta série. Por causa do despreparo na área de pedagogia e contextualização indígena, as aulas eram dadas seguindo o formato da educação ocidental.

As primeiras escolas Tikúna eram feitas de palha, paxiúba e madeira. Hoje em dia há ainda muitas escolas de madeira, mas em diversas aldeias já foram construídas escolas de alvenaria. Nós agora temos 132 escolas indígenas espalhadas em várias aldeias de diferentes municípios. Na minha comunidade hoje temos o ensino fundamental e o ensino médio. Nas classes de 5^a. a 8^a. e de Ensino Médio os professores que ensinam são indígenas e não indígenas. Nas séries iniciais (1^a. a 4^a.) atuam os professores indígenas. As aulas de língua Tikúna e Artes são, em todos os níveis, assumidas por professores Tikúna.

As escolas Tikúna geralmente têm só crianças Tikúna e a maioria dos professores são Tikúna. A língua Tikúna passou a fazer parte do currículo de todas as escolas desde a alfabetização até o Ensino Médio.

Os materiais didáticos utilizados nas escolas são produzidos na língua Tikúna. Esses materiais foram produzidos durante os cursos de formação ou nas próprias aldeias, sempre com a participação dos professores Tikúna e de pessoas idosas conhecedoras da cultura. Há livros de textos e materiais para alfabetização. Alguns dos livros usados na alfabetização tratam da história do nosso povo, dos pássaros, dos sapos, das árvores, entre outros. Esses livros, produzidos em Projetos coordenados pela Profa. Jussara Gomes Gruber, muito têm ajudado na aprendizagem da escrita no ensino fundamental. Mas precisamos produzir muitos outros materiais didáticos para o ensino fundamental e para o ensino médio, porque devemos ser protagonistas de uma educação indígena que entende a importância da função da escrita em uma sociedade, especialmente em um momento em que a gente toma consciência da fragilidade da existência de nossa língua em contato com duas outras que disputam com ela sua própria vida, o Português e o Espanhol.

CAPÍTULO III - O livro *Toru Duu'ũgu*

3. Sobre o Livro

O livro *Toru Duu'ũgu* é constituído de vários relatos, que contam sobre os tempos antigos, em que surgiu o povo Tikúna. O livro é dividido em 12 capítulos, que reúnem episódios históricos relacionados: “Nosso povo”, “O início da história”, “Como nasceram Yoí e seus irmãos”, “A onça comeu Ngutapa”, “Como apareceu o dia”, “O coração da samaumeira”, “A história de Techí aru ngu’u”, “O povo pescado por Yoí”, “História do Matchi’i”, “História do ucae”, “História do moe”, “História do metare”, “História da wucutcha”.

3.1. A história da produção do livro *Toru Duu'ũgu*

Não participei da feitura do livro *Toru Duu'ũgu*, porque na época em que foi produzido eu tinha 10 ou 11 anos de idade. Mas lembro quando as pessoas da minha aldeia e de outras aldeias próximas se reuniram. Eu estava no meio delas. Ali, ouvia os velhinhos contando as histórias. Ao redor, havia a presença de muitas crianças, jovens, adultos e idosos, assim como curiosos, querendo ouvir tudo o que acontecia. Nesse dia tinha várias pessoas de diferentes comunidades, então todas as pessoas se juntaram. Enquanto umas ouviam as histórias, outras desenhavam.

Na época eu era pequena e na aldeia tinha poucas casas. Algumas pessoas que participaram desse encontro moram na minha comunidade, são parte da minha família. Lembro do professor Nino Fernandes, que dava explicações para os desenhistas, colocava nome nos desenhos e ficava conversando com o pessoal sobre as histórias gravadas. Todo mundo ouvia as histórias, enquanto uma pessoa distribuía as folhas brancas de papel para desenhar. Lembro que tinha um aparelho para gravar e que depois recolheram os desenhos para colocar no livro.

Para obter mais informações referentes ao livro, fiz uma entrevista com a professora Jussara Gomes Gruber, que teve importante participação nesse trabalho. Perguntei o que a professora lembrava da preparação do livro.

“Inicialmente quero dizer, Anita, que estou muito feliz por te ver concluindo o curso de pós-graduação. Estás inaugurando um novo momento na história da educação formal ticuna. Isso representa uma importante conquista pessoal

e profissional, e, ao mesmo tempo, um exemplo de coragem, persistência e competência a ser seguido por muitos e muitos ticunas. Parabéns, Anita!

O livro *Toru Duu'ugu* foi resultado de um trabalho coletivo, com participação de diferentes segmentos da comunidade e envolvendo um número muito expressivo de pessoas. Iniciou nas aldeias de Vendaval e Campo Alegre, localizadas no município de São Paulo de Olivença, no mês de setembro de 1983. Aí foram feitos vários encontros para gravação e ilustração das histórias. Nesses encontros estavam os narradores, os professores, capitães, crianças, jovens, pessoas de todas as idades que se aproximavam para ouvir as histórias de antigamente e desenhar. Conforme foi decidido nas primeiras discussões sobre a organização do livro, nele deveriam ficar registradas as histórias que contam o nascimento de Yo'i, Ipí e suas irmãs, a criação do povo Maguta, a origem dos clãs e outros tantos episódios da mitologia ticuna. Alguns narradores dedicaram-se a aspectos mais específicos, como a descrição dos personagens, vestimentas, objetos, lugares, informações ricas em detalhes que muito contribuíram para a elaboração das ilustrações. A presença de professores e de líderes foi fundamental nessa fase do trabalho, apoiando e orientando os encontros, bem como contribuindo para estabelecer relações importantes entre a produção do livro e seu papel na construção de uma educação diferenciada nas escolas ticunas.

Entre os meses de novembro e dezembro, os encontros prosseguiram na aldeia de Belém do Solimões, situada no município de Tabatinga, e na aldeia de Santo Antônio (hoje Filadélfia), no município de Benjamin Constant. Em Santo Antônio também participaram moradores das aldeias de Porto Cordeirinho, Bom Caminho e Bom Intento. Em todos esses lugares contou-se, da mesma forma, com a colaboração dos professores, capitães e outros líderes.

As histórias foram transcritas na língua ticuna e traduzidas para o português pelos professores Miguel Avelino Firmino, Reinaldo Otaviano do Carmo, Quintino Emílio Marques e Lucinda Manoel Santiago. Compõe o livro as versões narradas por dois grandes conhecedores da cultura ticuna, já falecidos: João Laurentino Souza, de Vendaval, e Ernesto Manoel Santiago, de Bairro Independente, aldeia próxima a Campo Alegre. Todas as etapas do trabalho de produção do livro foram acompanhadas por mim (coordenadora) e por Vera Navarro Paoliello, atuando como consultor o prof. João Pacheco de Oliveira. Em fevereiro de 1985 o livro foi publicado e posteriormente distribuído para os ticunas.

Para finalizar este breve relato, tomo a liberdade de sugerir, Anita, que seja incluído na tua dissertação um texto de Pedro Inácio Pinheiro e Adércio Custódio Manoel, impresso na contracapa, em que estes reconhecidos líderes – que tiveram importante participação nesse trabalho – expressam com muita sabedoria e propriedade a ideia do livro. O texto mostra, em especial, o significado dessa iniciativa enquanto parte do processo de mobilização pela demarcação das terras, destacando a língua e a cultura como instrumentos fundamentais para a reafirmação da identidade e defesa dos direitos. Hoje ainda podemos sentir a força do livro *Toru duu'ugu*, sempre lembrado pelos ticunas nas conversas, nos cursos de formação, nas escolas. Não foi por acaso, Anita, que escolheste reviver esse livro, um marco na história do teu povo, uma recordação valiosa que remete a um passado de lutas e aponta caminhos para conquistas ainda necessárias.”

Conforme sugestão da professora Jussara, pode-se ler a seguir o texto de Pedro Inácio Pinheiro e Adércio Custódio Manuel:

“Dentro deste livro os Ticuna vão encontrar as histórias do tempo dos antigos, do tempo passado. Está aí a história de Yoi e do Ipí. Como eles criaram o povo Maguta, que foi o povo do princípio do mundo. O povo que estava aqui antes mesmo do branco existir. É bom saber o que está escrito aqui para ninguém deixar de ser índio e de falar sua língua. Mesmo que aprendam a escrever o português os Ticuna não podem esquecer sua língua, que é o mais importante. E assim o pessoal poderá contar essas histórias para outros também. A gente nunca teve um livro assim antes. Aqueles que irão estudar nele deverão acordar, deverão saber porque ele foi feito. O livro saiu porque nós estamos renascendo. Foi bom porque foi feito por nós mesmos. Hoje os bisnetos, os novos, vão ver que os Ticuna têm razão de existir, porque neste livro aparece onde está a terra imemorial, o local sagrado, o local da nossa origem. Onde Ticuna nasceu aí ele tem de ficar. O livro vai ser bom pra gente lembrar, pra gente lutar pra ser dono de novo da terra.”

3.2. Uma explicação das histórias

Nesta seção, apresento uma tradução melhorada das histórias de antigamente do livro TORU DÛ'ÛGU. A ordem de apresentação segue a ordem em que foram apresentadas no livro.

3.2.1. Como surgiu o mundo antigamente

O início da história de como surgiu o mundo na visão do povo Tikúna. Essa história conta que um homem surgiu primeiro, antes de todo começar, que ele não tinha pai nem mãe, mas tinha sua mulher. Antes de mais nada o mundo era perfeito, o mato era baixinho e crescia tão rápido, a terra ainda estava se formando. E passaram muito tempo juntos, mas nunca tiveram filhos.

Um dia, quando o mato já havia crescido, Ngu'tapa' e sua mulher foram ao mato para caçar e aconteceu que, enquanto estavam na trilha, se desentenderam e brigaram, Ngu'tapa' surrou Mapana e a amarrou no tronco de uma árvore com os braços e pernas abertos.

Ngu'tapa', após brigar com sua mulher, deixou ela no lugar onde a amarrou, e continuou sua caminhada mato adentro, onde foi caçar animais.

Mapana, no lugar onde ficou amarrada por seu marido, foi visitada pelas formigas e marimbondos que a ferraram na sua vagina, deixando ela com muitas dores insuportáveis.

Enquanto sofria, de repente chegou o pássaro Cancã, que passou ao lado dela. Mapana conversou com o pássaro, pedindo-lhe ajuda para que soltasse a corda com a qual foi amarrada.

Ela disse: pássaro Cancã, será que poderias me ajudar, desamarrando a corda com a qual estou amarrada? O pássaro lhe respondeu dizendo: Cococoo. Mapana voltou a repetir a mesma pergunta e acrescentou, dizendo: Meu malvado marido Ngu'tapa' me amarrou neste tronco para me matar.

Então o pássaro Cou se transformou numa mulher velha e conversou com Mapana, dizendo: Que aconteceu com você, minha neta? Então a velha Cou se compadeceu, tirando a corda com a qual estava amarrada.

Disse ainda para Mapana: Se quiseres uma vingança, aqui está o maribondo. Então ela pegou os maribondos. O nome do maribondo era Ngerata, que era tão pequeno. Aí ela pegou o maribondo e disse: Não tira aqui. Depois disso Ocanca foi embora e se transformou em pássaro de novo. Depois de muito tempo, o Ngutapa já quis voltar e, quando voltava veio soprando sua flauta. Aí Mapana já esperava no lado do caminho, no meio das árvores.

Aí Ngutapa ia soprando e pulando com uma perna só, tocando o flauta. Ele disse assim: E agora o que faz mapana? Por onde anda Mapana? A caba e a formiga morderam a periquita dela tcheruuuu tcheruuuu, assim dizia ele. Aí a mapana ouviu o que ele dizia e se escondeu no tronco da árvore, esperando seu marido Ngutapa passar. Ela ouviu a voz dele assobiar e se preparou. Quando ele chegou, ela jogou a casa de caba em cima dele e acertou os dois joelhos dele. E foi embora para casa. Ele lá não se levantava mais. A mulher dele, a Mapana, lá deixou ele abandonado e foi embora para casa. Depois de muito tempo ele não podia mais levantar nem caminhar, os joelhos dele já estavam bem inchados. Por causa disso não voltou andando, voltou engatinhando até chegar na sua casa, gritando de dor desde que as cabas ferraram os seus joelhos e estes começaram a inchar.

3.2.2. Como nasceram Yo'í e seu irmão

Depois de muito tempo ele chegou em sua casa foi deitar na rede. A mulher dele, Mapana, não quis mais saber dele e deixou ele ali. Depois de muito tempo, já de noite, começaram a doer os joelhos dele, inchando muito, e ele sentia muita dor. Depois de uma semana, já estavam muito inchados os joelhos. Depois de muito tempo, de muitos dias, ele viu

que ainda estavam inchando e estavam bem transparentes. Ele olhou e viu lá duas pessoas no joelho dele e no outro joelho também havia duas pessoas.

Todos os dias ele ia ver e estava vendo um homem fazendo a sua zarabatana dentro de um joelho dele e sua companheira, uma mulher, fazendo a sua bolsa e cesta de arumã. E assim também no outro joelho dele. E quando os joelhos rebentaram depois disso, os homens saíram com suas zarabatanas e as mulheres saíram também com suas cestas. Do joelho direito saíram o herói Yoí e sua irmã Mowatcha e do joelho esquerdo saíram Ipí e sua irmã Aicuna. E depois de um tempo Ngutapa ficou curado e nunca mais ficou doente, ficou bom e não sentiu mais dor.

3.2.3 A onça come Ngutapa

Passou-se muito tempo e, depois de muitos anos, já cresciam os filhos de Ngutapa, porque naquele tempo cresciam muito rápido, porque eram puros e logo cresciam depressa. Por isso os filhos de Ngutapa logo ficaram grandes.

Um dia eles foram caçar no mato. Aí o pai deles, o Ngutapa, foi pescar com timbó. Lá onde ele estava pescando com timbó ele ouviu o choro da onça. Enquanto Ngutapa pescava, ele pisou num espinho e, enquanto ele tirava o espinho, a onça veio por trás e engoliu Ngutapa.

Quando os filhos dele voltaram da caçada não encontraram mais o seu pai em casa. Eles não sabiam o que tinha acontecido com seu pai e ficaram muito preocupados e perguntaram para Mapana:

– Vovó, onde está o nosso pai?

Ela disfarçou e respondeu outra coisa:

– A vassoura rodou.

Eles perguntaram de novo:

– Cadê o nosso pai? Queremos saber do nosso pai, o que aconteceu com ele.

-Dente de cutia róí – ela disse.

Perguntaram de novo:

– Mas onde está o nosso pai? Queremos saber!

A vovó Mapana respondeu:

– A vassoura rodou – ela disse.

Depois de insistirem muito, ela acabou contando:

– A cinza caiu em cima do pai de vocês.

Então, com essas palavras, Yoí e Ipí entenderam que a onça havia comido Ngutapa. Ipí, que falava sempre primeiro, disse para Yoí:

– Irmão, o que vamos fazer para encontrar o nosso pai? Vamos tirar um fio de cabelo de nossa irmã e com ele nós vamos dar volta ao redor do mundo inteiro.

– Calma lá! – disse Yoí. Yoí pensava para resolver as coisas. Mas Ipí estava lá, insistente para fazer acontecerem as coisas, e disse:

– Irmão, irmão, vamos tentar fazer aquilo!

Mas antes de Ipí resolver fazer uma cerca, o irmão Yoí concordou. Yoí pensou nas estacas e de repente estas apareceram para fazer cerca. Depois de aprontarem toda a cerca e a porta, eles tiraram o fio de cabelo de Mowatcha (Mowatcha é irmã que saiu juntamente do mesmo joelho com Yoí). Com esse fio de cabelo dela eles deram a volta ao mundo e juntaram as duas pontas na ponta da cerca.

Depois disso foram puxando as pontas do cabelo da irmã e com isso assim e foram apertando e juntando pedaço a pedaço o mundo. Depois disso as águas vieram atrás como uma alagação.

Depois Yoí foi para um lado da ponta e seu irmão Ipí para outro lado com sua irmã Aicuna (Aicuna é sua irmã que saiu junto do mesmo joelho com Ipí). Ai os bichos começaram a passar; primeiro vieram os caititus e depois vieram os veados; depois outros, como as antas. Depois desses vieram as queixadas e as onças vermelhas. E quase só no final começaram a passar mesmo as onças verdadeiras. O Yoí começou a desconfiar que entre elas estaria essa onça que havia comido o seu pai, Ngutapa. E perguntou a uma delas:

– Vovô, onde está? Você pode me dizer onde está aquela nossa inimiga?

Aí a onça respondeu:

– Ela esta lá no final da fila.

E mandou Yoí escutar uma voz, que vinha lá de trás, gritando. Era uma onça que vinha soprando o bucho de Ngu`tapa:

– A rutu e` ri dua dua, durumumu durumumu! É por aquela voz que eles reconheceram que aquela onça era a que tinha engolido o seu pai. E, quando ela chegou mais perto, lhe perguntaram:

– Vovô, o que você vem dizendo?

A onça não quis responder, mas de dentro dela veio uma voz que dizia:

– Nada, nada, nada, meu neto. Nada, nada, nada, meu neto.

Yoí, Ipí e sua irmã Aicuna já estavam se preparando para pegar a onça e Aicuna já tinha se transformado em jacaré. Eles levaram a onça para a beira do rio, mas ela escapou e pulou na água. Então o jacaré preto carregou a onça para o fundo e desapareceu.

Ipí falou:

– Irmão, irmão, o que nós vamos fazer agora para achar o jacaré? O rio está muito grande, muito cheio. Vamos convidar o cupim para secar essa água?

Chamaram o cupim e logo ele apareceu. Ele era bem alto, mas o tamanho certo ninguém sabe qual era. Mas o cupim só conseguiu secar um pouco da água. Aí Ipí falou:

– Irmão, irmão, quem nós vamos convidar agora? E resolveram convidar a cigarra.

Aí Ipí perguntou a ela:

– Será que você pode secar a água pra nós? A nossa irmã virou jacaré e ela está lá no fundo da água com a onça.

A cigarra tentou secar o rio, jogando a água para fora, mas estava com caganeira e não podia trabalhar muito. Cada vez que ela fazia força para tirar a água, saía cocô: pou! pou! pou! Assim o trabalho não rendeu e o rio secou só um pouquinho. Aí Ipí resolveu:

– Irmão, irmão, irmão, então vamos convidar o vovô Cawa?

Ele disse:

– Tá bom. Yoí concordou e eles chamaram o Cawa. Este Cawa é uma pessoa e quer dizer “gente gulosa”. Ele logo chegou e já foi chupando a água. Foi chupando, chupando, até encher a barriga, as orelhas e os cabelos. Assim ele conseguiu secar o rio.

– Meus netos, agora podem descer e logo ir procurar sua irmã, depressa! Disse o Cawa.

Então eles desceram até a boca do rio e lá encontraram o jacaré descansando. Aí conseguiram tirar a onça da sua boca no exato momento em que o jacaré se transformava outra vez em gente. Depois disso eles voltaram para cima, com Aicuna e também com a onça. E, chegando lá, o Cawa falou:

– Já, meus netos?

Então ele vomitou toda água que tinha chupado do rio e o tornou a encher de novo. Ai eles cortaram a barriga da onça e tiraram o bucho e a carne dela. Eles tiraram toda a carne, até terminar toda. Só aí puderam tirar Ngutapa de dentro da onça. E depois disso pegaram todos os pedacinhos de carne, juntaram de novo e Ngutapa se levantou e viveu de novo como antes. E de repente se levantou falando. Ele disse:

– Eh! Não se assustem meus filhos!

3.2.4. Como apareceu o dia

Agora nós vamos ver a história da samaumeira.

Naquele tempo não existia dia e nem noite. Era sempre de noite. Porque os galhos da samaumeira eram tão grandes, que cobriam todo o mundo e faziam escurecer tudo.

Um dia Ipí falou para seu irmão e disse:

– Irmão, irmão, o que vamos fazer para clarear o dia?

Então eles pensaram, resolveram e foram procurar o caroço de araratucupi para saber e ver se conseguiriam abrir um buraco na samaumeira. Logo que acharam, Ipí jogou o caroço na samaumeira, fazendo um som dentro dela: fururururu! eeeeeee!

Mas nem um pouquinho luz apareceu. Então Ipí falou novamente para seu irmão fazer mesma coisa. Ai ele, Yoí, jogou o caroço e ouviu outro barulho: E disse: Faz dia, dia, dia! E desta vez se abriu só um pouquinho o buraco e ele pôde ver só um pouco de luz. Mas essa luz não era suficiente e logo desapareceu, porque os galhos da samaumeira eram vivos e logo se fecharam.

Ipí falou de novo:

= Irmão, irmão, o que vamos fazer agora? Ai ele pensaram em convidar alguns animais que pudessem fazer uma derrubada da árvore. E, de repente, ouviram uma voz de pinica-pau, que dizia: purururu, pururu. Yoí então convidou este passarinho. Quando o pini-capau chegou, tentou de novo cortar a árvore com seu bico, mas não conseguiu e foi embora.

E de novo Yoí e Ipí pensaram, pensaram... Aí, de repente, eles ouviram no buraco de um pau uma voz que fazia: tu tu tu tu tu tu. Mas aí esse passarinho foi embora. Yoí e Ipí pensaram, pensaram mais como seria que essa árvore samaumeira poderia ser derrubada para nós. E, de repente, veio o cutia correndo. Aí Ipí e Yoí pensaram e perguntaram entre si se concordavam se é ela quem vai. É uma cutia mesmo.

– Então vamos chamar a cutia – disse Yoí.

– É uma cutia mesmo! Ela tem um machado! Disse Ipí. Então Ipí se interessou por esse machado e queria matar a cutia para ficar com ele. Mas Yoí alertou:

– Cuidado, pensar assim é errado!

Mas o Ipí insistiu e foi até o caminho da cutia. Mas antes ele se disfarçou: pintou o corpo todo e botou as pernas de fora e, desse jeito, foi esperar a cutia. Yoí sabia porque seu irmão estava com essa roupa, mas não falou nada.

Ipí ficou deitado no caminho, só as pernas apareciam E fingiu que estava dormindo, mas sua boca ficou aberta. De repente a cutia apareceu, batendo nos paus com seu machado para cortar a árvore: tututututu.

Olhou e viu aquelas penas de um passarinho e perguntou por três vezes :

– O que esta fazendo ai? O Ipí nada respondia, ele pensava se eu só pena de um passarinho não posso responde .

A cutia disse:

– O que isso? Se você não me responder, eu vou mijar na sua boca.

Ele continuou sem responder. A cutia pensou: “E nem respondeu? É mesmo que morto”, e ameaçou e ameaçou . E disse:

– Cuidado, que eu vou arrancar a sua língua!.

Ipí, mesmo com medo, não respondeu.

– Posso arrancar a sua? Posso meter a minha mão na sua boca?

Quando ela se aproximou, Ipí aproveitou e lhe arrancou a paleta. Essa paleta era o machado dela. Depois disso, a cutia saiu mancando, sem a perna de trás.

Aí Ipí fugiu com o machado da cutia, mas a cutia perseguiu o Ipí, gritando:

– Olhe, Ipí, quando você for fazer a roça, não fale o meu nome! Você tomou o meu machado, por isso daqui pra frente eu vou comer a sua roça e vou roubar na sua roça!

Por isso até hoje a cutia rouba nas roças dos Tikúna. Foi daquela perna dela que os Tikúna conseguiram o machado para plantar. Agora essa cutia não pode mais plantar. Só aquela cutia pequena é que ainda tem esse machado.

Ipí voltou e disse para irmão Yoí:

– Irmão, irmão, agora eu já tenho um machado bom para plantar! E agora estou pronto para derrubar a samaumeira.

E logo começou a trabalhar. Fazia tututututu, mas nada de derrubar. Continuou, continuou até cansar e o buraco nada de aumentar. Abria um pouco e tornava a fechar. Chamou o Yoí para que ele tentasse também. Então Yoí veio e cortou, cortou e o lugar onde batia o machado foi-se abrindo. Ipí viu o trabalho do irmão e perguntou:

– Por que o meu não dá certo?

– Cuidado, não fale desse jeito! Disse Yoí. Quando eu cansar vou entregar para você.

Aí Yoí entregou para seu irmão Ipí e este continuou derrubando a samaumeira. Desta vez o corte da samaumeira não se fechou.

E continuaram derrubando a samaumeira pouco a pouco, mas a árvore não caía. De repente Yoí olhou e pensou: já está tão pequena e fina, por que não cai? Yoí começou de novo a derrubar a samaumeira e, quando já estava oca, ele olhou para cima e viu um preguiça real, lá no alto segurando árvore e os galhos. Aí pensaram – o que nós vamos fazer para ele largar? Falaram entre eles, mas o quatipuruzinho estava perto e ouviu a conversa deles. Disseram:

– Você teria coragem de tirar a mão da preguiça lá do galho? Yoí acertou a proposta e o quatipuru subiu, mas só até na metade: trrrrrrrrrr!, e desceu sem coragem, porque achou muito alto. E disse:

– Essa samaumeira está pregando no umbigo.

Então Yoí ouviu uma voz que dizia assim: *turu turu turu turu turu* lá dentro da samaumeira. Aí ele perguntou ao vovô esquilo:

– Não é bom você fazer um favor? Suba lá em cima! – ele disse assim para o esquilo

– Então tá bom! Experimente, suba lá em cima! Ele respondeu sim e subiu.

– Agora eu vou buscar um bocado de formiga-de-fogo para colocar as formigas-de-fogo no olho da preguiça. E deu as formigas para quatipuruzinho só para experimentar: *tauri ri ri piriri riri rrrrrrr*. Voltou e falou que dava certo jogar as formigas. E subiu novamente e atirou as formigas nos olho da preguiça e depois deu um pulo para trás. Quando ele pulou o machado lhe machucou rabo. Ai ele perguntou:

– Então é por causa disso que o vovô quatipuruzinho tem o rabo dobrado e nas costas?

I.V.im, a samaumeira caiu e o céu começou a clarear e apareceu dia. Aí começaram a ver tudo, por exemplo. o sol, o céu, as estrelas. E ficaram alegres.

Depois disso, os dias começavam, amanhecia e anoitecia, sempre da mesma maneira.

Yoí e Ipí resolveram entregar a sua irmã querida Mowatcha para casar com o quatipuruzinho, porque ele era o único que tinha coragem de subir mais alto.

3.2.5. O coração da samaumeira

Depois de muito tempo da derrubada da samaumeira, Ipí e Yoí foram ao lugar onde tinha caído a árvore para ver se tinha já aprofecido, mas ela continuava viva, o pau começou a brotar de novo. E eles começaram a se perguntar – o que tem essa árvore, por que não morre? Ipí pensou e foi ver bem de pertinho e ouviu um barulho lá dentro: tun, tu,tu,tu. Aí ele disse para Yoí:

– Essa árvore tem coração, está viva. O que vamos fazer? E, em seguida, disse: vou tirar esse coração da samaumeira com o machado. Ipí começou a cavar e logo Yoí pegou o seu machado e quis também cortar.

Ipí também queria sempre ser primeiro e ser dono de tudo e quis pegar de novo o machado. E assim os dois ficaram disputando o tempo todo. Por fim, Yoí conseguiu cortar e com a força o coração pulou para fora. Ipí disse:

– Maninho, maninho, eu vou mesmo pegar. Porém um calango estava bem perto, cuidando e acabou comendo o coração. Mas não conseguiu engolir o coração, que ficou parado no meio do caminho da garganta. Ipí preparou um tição de fogo e colocou na boca do calango. Este de repente sentiu dor e gritou e o coração pulou para fora. Então uma borboleta bem grande, daquela azul, engoliu o coração. Mas Ipí com mesmo fogo queimou as asas da borboleta e ela vomitou tudo. Por causa disso, a borboleta azul tem sua mancha na asa .

Depois de muito tempo a borboleta entrou na terra, num buraco de pedra. Dali era difícil de retirá-la. Então Yoí chamou a cutia e falou:

– Vá lá e roa o coração pelo lado direito. Depois disso traga o caroço e plante lá no nosso terreiro.

Esse coração era como uma semente e muito valioso. A cotia obedeceu a tudo que Yoí falou. Mas o irmão, Ipí, não sabia onde a cotia plantara o caroço do coração. O Ipí começou a varrer o terreiro inteiro e começou a procura o lugar onde estava enterrado. E varreu, varreu durante dias e dias. Ele sabia que essa planta iria servir para alguma coisa. Ipí ficava doido por aquela umari e todo dia varria onde ele apontava. Com o passar do tempo, vai começar a nascer um pé de árvore que se chama umari.

3.2.6. História de Tetchi'i aru ngu'u

Passaram-se muitos anos. As árvores começaram a brotar e dar flor e fruto. Ipí cuidava muito bem delas. Ele varria, capinava, deixava tudo limpo, onde ele ia. Cuidava muito bem e varria, quando já estava chegando a frutificação do umari. Ai ela viu primeiro La em cima e ela pulou e disse assim , olha Ipí meu irmão e meu aquela umari disse assim para Ipí e disse para e para Yoi vai com calma . O Ipí não conseguiu ficar quieto não conseguiu dormir e fica deitado em baixo dela. Por causa da menina moça do umari não consegui comer e ficar sofrendo a fome. E Ipí foi a caçar e depois dele a fruta do umari caiu, e se transformou uma moça bem bonita. E Yoi levou consigo e ficou com ela.

Depois disso ele a colocou dentro de uma flauta dele e ela ficou lá, por causa do seu irmão Ipí.

Um dia Ipí chegou todo agitado por causa da moça do umari e perguntou a seu irmão:

– Foi você que pegou aquela fruta do umari?

Yoí disse que não. Ai Ipí não conseguia dormir por causa daquela moça.

Quando já estava de noite e chegando de madrugada, Yoí ficou brincando com ela e rindo dando gargalhada. Cuai cuai cuai disse assim a mulher do Yoí. E aí Ipí perguntou ao seu irmão Yoí:

– Com quem você esta rindo?

Yoí respondeu: Nada, é com a vassoura que estou rindo; não estou com sono, peguei uma vassoura, disse Yoí. Ipí então foi pegar a vassoura, mas a sua não ria. Ai ele jogou a vassoura no lado. A moça achou graça disso e Ipí tornou a perguntar:

– Quem está aí?

– É um banco que está aqui e eu estou brincando com ele – respondeu Yoí. Aí Ipí foi pegar um banco, mas não aconteceu nada. E ele continuou intrigado com seu irmão. Yoí disse outra vez que estava brincando com o *quiriká*. Mas Ipí foi experimentar de novo e nada de acontecer. O *quiriká* não riu. A moça tornou a rir novamente e Yoí também. Ipí ficou muito zangado.

Um dia Yoí foi caçar e Ipí, seu irmão, ficou em casa e procurou a moça. Mas Yoí já sabia disso, o que seu irmão pensava. Ipí achava que ela ia aparecer para ele. Ele esperou e nada de ela aparecer. Então ele resolveu fazer alguma coisa para atrair ela. Ele falou: *tetchi aru ngu, 'u* (“trouxe peixinho para você lá do porto”) e botou-os no forno quente. Os peixinhos pulavam e ele dizia: *Tchautaracunhe, tchautaracunhe, tchautaracunhe!*

A mulher do Yoí achou graça e Ipí ouviu a sua risada, mas ele não encontrou ela. Ele repetiu de novo a mesma brincadeira por quatro vezes, assando mais peixinhos no fogo. Mas não encontrava a moça. Ele desconfiou que ela deveria estar na flauta. Procurou por duas vezes e na segunda vez encontrou a flauta e a sacudiu até que *Tetchi aru ngu 'u* saiu. Logo Ipí beijou a moça e dormiu com ela. Na mesma hora barriga dela cresceu. Ipí tentou diminuir a moça para colocá-la dentro da flauta, mas não deu, porque ela já estava barriguda, não conseguiu mais entrar na flauta do Yoí. Aí Ipí ficou com medo do seu irmão Yoí, que já estava perto de chegar da caça. Então ele resolveu sair da casa para encontrar com Yoí. No caminho ele viu a fruta da paxiúba e pegou o pó para encher a pica, e pensou: – Agora Yoí não vai saber mais que eu vivi com a mulher dele. Quando eles se encontraram, Ipí disse:

– Irmão, irmão, irmão, olhe a minha pica já bem cheinha! De repente o pó da fruta de paxiúba caiu. Yoí não gostou nada disso e falou: Olhe, você está muito doido mesmo, mano.

– Eu não fiz nada para sua mulher.

Yoí ficou muito zangado com essa história, porque já sabia o que o irmão tinha aprontado.

Quando eles chegaram em casa, Yoí viu a mulher já grávida e barriguda. Ipí ficou com vergonha e perguntou:

– O que vamos fazer agora? Sua mulher já está barriguda.

Yoí respondeu: Eu não sei, agora é você que sabe!

Quando estava quase na hora de nascer a criança, Ipí quis saber das coisas que fazer. Yoí respondeu:

– Agora você é quem sabe o que pode fazer. Vá buscar fruta de jenipapo e de pois rale para pintar seu filho. Yoí disse:

– Se o filho fosse meu, não seria assim. A moça do umari não iria sofrer tanto assim, nem derramaria muito sangue, e não doeria para ter bebê. Mas você não tem jeito, é doido mesmo, é por causa de você que o nosso povo vai sofrer dor. Daqui em diante tudo vai ser diferente.

Aí o menino nasceu, o Ipí foi procurar o jenipapo para pintar o corpo do seu filho. Para castigar o seu irmão, Yoí mandou o jenipapo bem longe, o Ipí andou muito e deixou sua mulher ficar em casa passando fome. Yoí não lhe deu nada para ela comer e beber a água. Quando Ipí chegou, sem trazer a fruta do jenipapo, perguntou a Yoí, onde poderá encontrá-la.

– Vá lá em nossa capoeira, lá tem muita – disse Yoí. Mas Ipí encontrou só árvore sem fruta. Quando contou isso para o irmão, este mandou Ipí voltar e subir na árvore bem alto. Ele subiu, mas viu só dois frutos. E perguntou a Yoí:

– Chega esse?

– Quantas vezes você fica me perguntando que coisa fazer? Não lhe disse que o filho não é meu? Vai lá e pegue uma fruta – respondeu Yoí. Mas todas as vezes que Ipí tentava alcançar a fruta, Yoí fazia árvore crescer mais, mais alto. E cresceu até passar as nuvens, e ele subindo atrás. O pé de jenipapo quase que chega na outra terra e até no outro mundo.

Para impedir que Ipí subisse, Yoí mandou crescer orelha-de-pau ao redor do tronco. Aí Ipí resolveu se transformar em formiga para poder passar pela orelha-de-pau. Então ele conseguiu passar e lá de cima ele conseguiu enxergar o rio e neste viu Awane (Kambéwa) e disse para Yoí:

– Meu irmão, no rio tem muito Awane! É bom a gente ter cuidado com eles. Eles são nossos inimigos.

Finalmente Ipí conseguiu pegar o jenipapo. Yoí não gostou nada do que Ipí tinha falado e fez crescer a orelha-de-pau outra vez. Ipí ficou pensando: o que eu vou fazer agora? Vou virar uma tucandeira para descer e também vou diminuir esse jenipapo. E pegou o jenipapo na boca e desceu. Quando chegou lá em baixo ele se transformou em gente de novo.

Yoí queria castigar se irmão de novo e ele pensou que ele não ia conseguir trazer a fruta. Mas, chegando em casa, Ipí disse :

– Eu sou homem mesmo, porque aguentei todos os trabalhos e castigos que Yoí mandava fazer. Eu fiz, sou corajoso.

Ipí então quis saber onde podia ralar o jenipapo. Yoí irado respondeu:

– Não sei, você é quem sabe.

Mas mandou Ipí buscar a folha de macambo para ralar o jenipapo em cima dela. Três vezes Ipí perguntou se precisava ralar mais o jenipapo, mas Yoí respondia sempre que sim. Na quarta vez ele já esta se ralando o braço dele mesmo, o jenipapo tinha acabado. Aí ele perguntou para Yoí:

– Irmão, irmão, quando eu vou parar de ralar o jenipapo?

– Ainda tem, pode ralar com força – disse Yoí.

Então Ipí gritou com tanta dor e ralou todo seu corpo. Aí Yoí mandou Tetchi aru ngu' u preparar a massa do jenipapo para ela pintar o filho e depois foi até o porto para jogar a borra do jenipapo no igarapé.

– Tudo isso é pedaço do Ipí, que você jogou na água. O igarapé se chama Eware – disse Yoí para a mulher.

3.2.7. O povo pescado por Yoí

A última fruta do umari foi que jogou a borra do jenipapo no igarapé Eware. Depois essa borra apareceu transformada em piracemas de peixes. Yoí pensou e fez um cercado que se chama pari, para a piracema não passar. Ele sabia que Ipí iria aparecer também e queria pescá-lo e ficava todos os dias sentado no porto á espera do Ipí. Em casa a Tetchi aru ngu' u se lamentava com seu filho. Ela dizia:

– Tenho muita saudade de seu tio Ipí. Quando ele estava vivo não nos faltava nada, sempre tinha comida em casa. Yoí nunca traz nada para nós comermos.

Yoí, quando ia para casa, se disfarçava, se diminuía para que ninguém o visse e ele escutava tudo o que mulher dele falava. Então, Yoí resolveu perguntar a ela:

– Você tem muita saudade de Ipí? Você estava só falando o nome dele.

Ela respondeu:

– Não estou falando o nome de Ipí. Falei que queria cantar seu nome Yoí, disse Te tchi aru ngu' ũ .

– Nada, você falou sim o nome do Ipí! – continuou Yoí – Se você falou o nome dele mesmo, amanhã nós vamos pegar uma vara de anzol para pescar.

No dia seguinte, foi até o igarapé para ver se os peixinhos já estavam lá. Viu muitos peixes. A moça do umari estava ali também.

Yoí queria pescar aqueles peixes para que eles se transformassem em gente, mas nada de pegar. Queria pescar o seu povo. E foi então buscar uma fruta de tucumã para usá-la como isca. Mas com a fruta de tucumã ele não conseguiu pescar gente, os peixes se transformavam em animais. Pegou queixada, porco do mato, anta, tatu, veado, caititu, todos com seu par, sempre macho e fêmea, e vieram vários tipos de animais. De repente Yoí pensou que, para pescar gente, precisaria arranjar outro tipo de isca. Aí experimentou com macaxeira e os peixes que caíam logo se transformavam em gente. Assim ele pescou muita gente.

O seu irmão, porém, não aparecia entre esse pessoal. Foi então que ele viu um peixinho com uma mancha de ouro no nariz. Era seu irmão, ele sabia que aquele era Ipí. E tentou pescá-lo, mas Ipí não quis pegar a sua isca. Aí ele disse para Tetchi aru ngu'u:

– Pegue o anzol, venha pegar o seu macho!

Antes de Tetchi aru ngu'u encostar o anzol na água, o peixinho pulou e pegou a isca. Saltou para a terra e virou gente: era Ipí. Ele falou:

– Lá em baixo, de onde eu venho, tem muita mina, mina de ouro. Eu quero voltar pra lá.

– Está bem, mas agora você vai pescar o seu povo – disse Yoí.

Ipí pescou muita gente, mas eram peruanos. E aqueles que Yoí tinha pescado eram Tikúna mesmo. Eram povo mata.

Do resto da borra do jenipapo Yoí pescou os negros.

Depois da pescaria estavam todos juntos. Yoí, então, resolveu virar o mundo, porque ele queria ficar para baixo, para o lado em que o sol nasce. Ipí não viu a hora em que o irmão fez essa virada. Ele se foi, pensando que seguia para baixo. Quando viu que estava no lado de cima, já não podia mais voltar.

Eles só foram embora mesmo depois da festa. O pessoal da festa disse:

– Agora já não tem mais Yoí nem Ipí no Evare.

Um dia, Yoí pensou como poderia fazer para que cada pessoa tivesse sua nação. Até aquele dia só existia uma única nação e as pessoas não podiam se casar entre elas. Ele já sabia como deveria fazer, mas perguntou a Ipí. Ipí também já sabia e logo foi dizendo:

– Então, meu irmão, vamos matar uma jacarerana para conhecer a nação do pessoal?

Yoí concordou e eles logo acharam e mataram uma jacarerana. Cortaram o animal em pedacinhos e colocaram num pote bem grande para ferver. Quando já estava cozido, chamaram o pessoal para beber. Numa colher de pau, Yoí dava a cada pessoa um pouco daquele caldo. Os primeiros que tomaram receberam a nação da onça. Cada pessoal que bebia ia embora, ficava longe dos outros. Depois da nação de onça, veio a da saúva. O pessoal bebia e logo sabia sua nação.

– Ah! Esse caldo está azedo, é da nação do mutum – falou uma das pessoas.

Beberam até que se criaram todas as nações que existem hoje.

3.2.8. História do Matchi'i

Naquele tempo, no tempo de Maguta, ninguém podia falar com o irmão e irmã ou com parente. Matchi'i aparecia e ferrava para matar as pessoas que faziam isso. Matchi'i é uma caba, mas encantava também em pessoa. Ele é muito perigoso. Naquela época de Maguta o igarapé era cercado. Mas, certa vez, ele começou a aparecer aberto. Um dia, Yoí e Ipí escutaram a voz do pássaro Pupunari: pu,pu,pu. A voz vinha lá do cercado. Ipí falou:

– Irmão, irmão, vamos ver aquele pássaro que está gritando pra lá.

Foram e o pássaro estava lá, num canto, do lado de fora da cerca. Este pássaro andava de canoa, mas ninguém via a canoa, ela era invisível. Ele sempre abria o cercado para passar, mas passava escondido, ninguém sabia. Quando viram o pássaro, Ipí falou:

– É aquele pássaro que abre o nosso cercado. Vamos pegá-lo para matar.

-Não fale assim! Você está falando coisa errada – disse Yoí.

Ele não queria matar o pássaro. Aí o pupunari falou:

– Por que vocês estão querendo me matar? É aquele seu inimigo que está falando de vocês. É o Machi'i. Por que vocês não o matam? Prestem atenção e escutem ele cantando.

Matchi'i ficava todo o tempo cantando, falando mal de Yoí e Ipí, de Aicuna e Mowatcha. Mas Yoí não conseguia ouvir o canto de Matchi'i. Então o pupunari saiu da canoa e foi para a terra. Lá olhou os ouvidos de Yoí e Ipí e viu que os ouvidos dos dois irmãos estavam cheios, com muitas penas de gavião real, como se fossem algodão. Pupunari falou:

– Fechem os olhos e só abram quando eu limpar bem os seus ouvidos. Aí vocês vão ouvir o canto de Matchi'i.

Quando os ouvidos ficaram limpinhos, Yoí e Ipí viram que era verdade. Eles escutaram Matchi'i cantando e falando de Aicuna, a irmã de Ipí. Ele cantava e batia num pau: tu, tu , tu , tu. Aí o Pupunari falou:

– Agora, meus netos, vamos subir lá com ele. Aí Yoí se transformou em passarinho, para poderem voar até Matchi'i. Quando eles chegaram lá, caiu uma chuva bem forte, Matchi'i viu aquela vovô pupunari e falou com ela:

– Vovô, eu sei que esses dois passarinhos são Yoí e Ipí.

Aí pupunari mentiu e disse:

– Não, estes não são Yoí e Ipí, são só os filhos da pomba, que eu trouxe comigo.

O Matchi'i não quis receber os dois, porque sabia que eram Yoí e Ipí. Então o pupunari pegou os passarinhos e os colocou dentro de uma cestinha em cima do fogo, porque eles estavam com frio, porque tinham pegado muita chuva, até chegarem na casa do Matchi'i. Matchi'i desconfiou e disse:

– Eles não são filhos de passarinhos. Eles são Yoí e Ipí. E foi então para outro lado a trabalhar, a fazer comida. Ele batia numa árvore, na embaúba, para as folhas caírem. Ele falava cantando e dizia: podem cair, podem cair! E as folhas caíam. Ele pegava as folhas e as amassava para fazer sua comida. Depois disso ele não ligou mais para a vovô pupunari e seus passarinhos. Passou um dia da manhã até outra hora e Matchi'i começou a trabalhar novamente. Mas desta vez as folhas não caíram, porque Yoí e Ipí não deixaram as folhas caírem. Matchi'i precisava dessas folhas, porque eram sua comida preferida. Então resolveu subir na árvore para alcançar as folhas, mas não conseguiu. Por isso ficou com muita fome. Quando ele já estava quase morrendo, começou a pensar o que poderia fazer. Ah, que bom seria se tivesse um abiu lá no meu terreiro para eu comer! Aí ele foi no terreiro dele e viu um abiu bem madurinho, que estava cheio de frutas e bem baixinho. Quando ele foi pegar, o abiu começou a subir e subir e Matchi'i não conseguiu alcançar. Então ele voltou para dentro da casa dele. E de lá ele olhou para o terreiro dele de novo e viu o abiu outra vez baixinho. Aí Matchi'i voltou outra vez. Quando ele pegou, o abiu se transformou numa casa de marimbondos. Esses marimbondos ferraram todo o Matchi'i e ele saiu correndo. Ele caía e ficava se virando, querendo fugir, mas as cabas não deixavam, quando já estava muito cansado, caído, vieram Yoí e Ipí e mataram esse Matchi'i. Eles se transformaram de novo em pessoas e fizeram um fogo e queimaram o Matchi'i. Aí se acabou o Matchi'i.

3.2.9. História do Ucae

Um dia os dois irmãos Yoí e Ipí saíram para caçar na mata. Quando eles chegaram no mato, encontraram uma armadilha feita pelo Ucae, que a tinha deixado para pegar a cotia. Quando Ipí viu aquela armadilha, ele a chutou bem com força e falou com raiva:

– Quem deixou isso aqui?

Quando ele chutou, a corda da armadilha se prendeu no seu pescoço e ele se transformou em veado e morreu. Yoí deixou seu irmão por lá, foi embora e falou:

-Assim você aprende! E voltou para casa.

Ucae veio olhar sua armadilha e viu que já tinha um veado dependurado na corda. Aí gritou:

– Olha, peguei um veado!

Ucae pegou o veado, mas não conseguiu tirar a corda do pescoço dele. Aí ele resolveu procurar uma envira para amarrar o veado. Quando tentou puxar o matamatá, fez errado, pois puxou de baixo para cima. Os galhos das árvores se mexiam, se abriam, e a envira enroscava neles. Estava difícil de tirar.

– Vou fazer bastante força para ver se arranco essa corda – falou Ucae.

A envira saiu, mas nessa hora o veado ressuscitou e saiu correndo. Ucae ainda saiu atrás, mas o veado saiu rápido e desapareceu ligeiro.

No outro dia, Yoí e Ipí foram de novo caçar e encontraram aquela mesma armadilha no caminho. Ipí não gostou e reclamou:

– Poxa, quem foi o doido que colocou esta armadilha bem aqui no caminho?

Aí Ipí virou a bunda e deu um peido na armadilha. E a corda outra vez prendeu no seu no pescoço e ele virou um veado e ficou preso lá. Yoí deixou ele e voltou pra casa.

Ucae veio ver sua armadilha. Desta vez trouxe um cacete para bater no veado. Quando bateu, o veado se transformou numa folha de patauá e ficou parecendo um aturá. Logo depois se tornou e levantou como veado e foi-se embora e correu.

Na terceira vez em que Yoí e Ipí saíram para caçar, Ucae pegou o veado novamente. Matou e carregou para casa. Na casa de Ucae moravam dois bichos: Deatchametu (“cara amarela”) e Ngetacatchi. Ucae começou a tratar o veado. Tirou o bucho e cortou tudo em pedacinhos. Começou a comer.

Aí Ucae falou com Deatchametu :

– Vamos comer!

– Não quero comer porque tenho medo do irmão dele. Ele pode estar aí por perto – respondeu o bicho.

Depois Ucae perguntou para Ngetacatchi:

– Por que você não come?

– Não quero comer, tenho medo do Yatatchiwe, irmão deste veado. Ele pode estar aí mesmo – disse o bicho.

Alem de Ngetacatchi e de Deatchametu, outros bichos moravam na casa de Ucae. Esses bichos comeram um pouco do veado, mas pegaram só os intestinos. Ucae ficou com o resto da carne. Enquanto ele estava preparando esta carne, Yoí ficou bem atrás dele. Bateu com um pau nas costas de Ucae e o matou. Os bichos estavam todos lá fora, não viram Yoí fazer isso. Eles pensavam que Ucae não aparecia porque estava no mato tirando olho de paxiúba. Mas quando se deram conta de que Ucae tinha morrido, fugiram espantados.

Yoí juntou a carne do veado, mais os intestinos, fez o Ipí viver de novo.

– Irmão, irmão, você acordou! Exclamou Ipí.

Um dia, Ipí escutou uma flauta, mas não sabia quem tocava. Yoí escutou também e logo soube que era o tatu-canastra. Ipí falou:

– Vou fazer uma armadilha para pegar esta vovó tatu-canastra.

Foi na direção daquela voz e encontrou o caminho do tatu-canastra. Pegou pataú e fez uma armadilha. Mas não conseguiu pegar o tatu. Aí o tatu-canastra cantou com a flauta:

– Você tem que fazer uma armadilha com um tronco de anaja! Só com esse eu posso morrer!

Ipí então derrubou esse pau e colocou no meio do caminho do tatu. De noite escutaram um barulho: tcheruru! O pau caiu sobre o tatu. Ipí foi ver e ele estava morto. Começou a partir o tatu e viu que tinha muita banha. Foram fazer moqueado. A banha pingava no fogo e o fogo ficou bem alto.

– Irmão, irmão, será que vou me queimar? – disse Ipí para Yoí.

Quando falou assim, o moqueado queimou todo e Ipí queimou junto, até acabar. Só ficou a cinza. Então Yoí chutou aquele lugar e Ipí ressuscitou novamente.

Esta foi a quarta vez que Ipí morreu.

Aqui acaba a história de Ucae.

3.2.10. História do Moe

Um dia Moe foi caçar. Quando ele chegou no mato, ouviu uma voz. Era uma voz do pinica-pau. Aí pensou: “seria bom que esse pássaro se transformasse em gente, seria bom falasse comigo”.

De repente o passarinho apareceu em forma de uma moça e perguntou:

– O que você quer? Por que me chamou?

– Eu quero me casar com você – respondeu Moe.

Ela achou bom e já ficou com ele. Quando chegaram em casa de Moe, a mãe dele perguntou:

– De onde vem essa minha nora?

Moe respondeu:

– Trouxe lá do mato.

No outro dia de manhã a mãe de Moe falou:

– O pé dela é chato.

A moça ouviu a voz da sogra, não gostou e foi-se embora. Passado um ano depois, Moe saía sempre para caçar e passava sempre por perto de um buraco do sapo. Lá nesse buraco ele mijava. Num certo dia, quando ele estava mijando, o sapo se transformou em moça. De repente a moça já estava barriguda. Moe levou a moça para casa e lá a mãe dele perguntou:

– Onde foi que você se casou outra vez?

– Eu casei por ai! respondeu Moe. Moe nunca explicava bem as coisas.

No outro dia a mãe falou:

– Essa minha nora é muito bonita, por isso eu gosto dela, as pernas dela são bonitas!

Moe saiu para caçar e na volta trouxe um passarinho para sua mulher preparar. Ela trabalhou e moqueou, mas, quando a sogra chamou para comer, ela não quis. Aí a sogra pensou: por que será que a minha nora não quer comer? Misturou beiju com tucupi e botou pimenta, muita pimenta.

De tarde ela chamou de novo a nora para comer, mas ela repetiu que não, não queria comer o moqueado; ela queria comer o beiju. Mas, quando ela provou o beiju, comeu também a pimenta e, gritando muito, fugiu para o rio. Pulou na água e se transformou novamente num sapo.

O rato, que cuidava do filho desta mulher, ficou em casa com as crianças. Ai o sapo lá no rio falou:

– Rato, rato, pode trazer meu o meu filho!

O rato levou o menino para o sapo e voltou para a casa, e depois deste dia ninguém viu mais esta mulher.

Outra vez Moe foi para o mato e viu uma minhoca andando na terra e aí ouviu uma voz: – tchutchá, tchutchá. Era a voz da minhoca. E Moe pensou: "Ah se você pudesse virar gente!" A minhoca então se transformou em uma moça bonita. Moe levou essa moça para casa e lá a mãe dele falou:

– De onde você trouxe essa moça?

– Eu trouxe de lá – respondeu Moe. Desta vez também não respondeu bem. A mãe falou:

– Por que casou de novo? Você é bonito, por isso toda moça quer casar com você.

Depois de um dia, a sogra mandou que ela fosse capinar a roça. Lá, a moça se transformou em minhoca de novo e fez o seu trabalho. Quando a sogra foi á roça não viu a nora. Mais tarde a moça chegou em casa em forma de gente.

No outro dia, aconteceu a mesma coisa. Quando a sogra chegou na roça, só estava a enxada e o lugar estava bem capinado. Para experimentar, resolveu pegar a enxada e capinar um pouco. Aí a enxada cortou a boca da minhoca. Neste dia, a moça só voltou mais tarde e lá do terreiro pediu para um rato:

– Rato, rato, rato, pode trazer o meu filho para eu dar de mamar para ele?

Mas a voz dela não saía bem, porque a sua boca estava cortada. Aí foi embora com o filho e nunca mais voltou.

Outra vez Moe saiu e no caminho viu um maracanã e falou:

– Ah! se você virasse gente para casar comigo! Moe perguntou: Você sabe fazer chicha sem usar muito milho, só com uma espiga enche uma igaçaba? Aí a maracanã virou moça e ele a levou para casa.

Depois de uns dias, antes de sair para o trabalho, a sogra falou com a moça:

– Minha nora, agora você vai fazer bebida, está lá o milho.

Quase de noite a sogra voltou. Estava escuro dentro da casa, por isso ela não viu o milho e pisou nele. Escorregou e caiu. A sogra falou:

– Essa minha nora é preguiçosa, está aí um monte de milho e ela nem mexeu a espiga e reclamou da mulher.

Mas a moça já tinha feito a bebida com uma espiga. Só que ela não gostou de a sogra ter reclamado. Por isso transformou-se em maracanã, saiu de casa e sentou-se lá no galho das árvores. Quando a sogra viu duas igaçabas cheias de bebida, falou:

-Volte, volte minha nora! o seu trabalho foi bom! Aí a maracanã cantava:

– Só você que vai tomar! Óo você vai tomar!

E depois falou para Moe cantando:

– Agora eu vou embora. Se tiver saudades de mim, você vai precisar fazer uma canoa para me encontrar. Para fazer a canoa, você tem que procurar o pau arupane.

Moe por muito tempo procurou esse pau, até que ele encontrou no rio do igarapé. Começou a derrubar e cada casca que caía se transformava em peixe. Moe trabalhava todo dia naquela canoa. O cunhado dele ficou curioso para saber o que Moe fazia. Este não contava

nada. Aí o cunhado resolveu se esconder atrás de uma árvore e viu que Moe estava fazendo uma canoa. Moe sempre voltava para casa trazendo muitos peixes e o cunhado ficou pensando como ele conseguia aquilo. Moe não levava nem arpão, nem anzol, nem flecha para pescar. Novamente o cunhado foi atrás para ver o que estava acontecendo. Mas quando olhou, os pedacinhos de pau não mais se transformaram em peixes. Então ele não descobriu nada.

Moe, quando viu o cunhado escondido espiando o que ele estava fazendo, resolveu lhe dar um castigo. Chamou o cunhado para lhe ajudar e virou a canoa em cima dele. O cunhado começou a gritar:

– Moe, Moe, me tire daqui!

– Não vou tirar agora, você vai aguentar o castigo – respondeu Moe.

O cunhado pediu de novo para sair, mas Moe não deixou. O cunhado então se transformou em cobra grande e gritou lá de dentro:

– Wô, Wô, Wô.

Aí Moe falou para a sua mãe:

– Se você tiver saudade de mim, pode se encontrar comigo.

Ele contou que ia ou para o Paru ou o Cuyaru. Moe saiu com a sua canoa, construiu o mastro e ficou lá em cima, transformado em um pássaro munane. Fez isso porque a cobra-grande estava dentro de sua canoa. Foram com a canoa até o lago Cuyaru. Cobra-grande fazia que a canoa andasse como se fosse ele fosse um motor. Lá na canoa se transformou de novo em pau, numa árvore. Dessa árvore saía muito peixe, por isso no lago Cuyaru nunca faltou peixe.

Depois Moe seguiu para Paru e lá virou um passarinho e sentou no ombro de sua mulher. Um dia Moe se casou de novo. Sua mulher se chamava Paicure?, Ela era gente e era um bicho.

Paicure sempre se dividia ao meio para poder pegar o peixe, Não tinha anzol, arpão, nem flecha. Ficava lá no igarapé. O corpo dela ficava dentro da água e as pernas fora na beira do igarapé. O corpo ficava assim partido no meio e saía sangue. Por isso os peixes comiam a carne dela e tomavam o sangue de Paicure, enquanto comiam o corpo dela, ela aproveitava para pegar o peixe e levava para casa. Mas Paicure tinha nojo de dar esse peixe para o seu marido comer.

O cunhado, irmão de Moe, ficava pensando como Paicure fazia para conseguir tanto peixe. Um dia ele foi atrás e ficou espiando, E ele viu Paicure partida ao meio com a cabeça e o buxo na água. Ela pegava muito peixe. Jogava um na beira e outro comia lá mesmo. O

cunhado ficou espantado e foi contar para o irmão, que estava fazendo uma canoa. O cunhado falou:

– Sua mulher não é gente. Um pedaço dela estava na água e o outro na terra. Moe foi até lá e resolveu tirar a espinha da parte do corpo dela que estava na terra. Quando a parte de cima de Paicure saiu da água, não conseguiu mais se grudar com o pedaço de baixo. Então essa parte de baixo se transformou em veado e fugiu correndo. A parte de cima dela ficou lá mesmo viva. Depois de ter visto tudo isso, Moe voltou para casa.

Mais tarde, o pedaço de cima de Paicure foi pulando como um sapo até perto da casa. Sentou-se numa árvore para esperar Moe e gritou, chamando seu marido:

– Moe, pode vir me buscar aqui. já está escuro e eu não posso andar até em casa. Moe pegou uma tocha de fogo, que se chama *tchar*, e foi até lá. Quando Moe passou debaixo da árvore, ela pulou em suas costas e grudou. Ficou assim grudada, Moe sempre a carregava por onde ia.

Um dia, Moe foi para perto de uma árvore chamada *gotune*. Ficou andando em volta dela para que as pernas de Paicure se transformassem de novo. Mas o irmão dele foi espiar e na mesma hora as pernas pararam de crescer. Só quando o cunhado de Paicure foi embora é que as pernas acabaram de se formar. Mesmo assim, a mulher continuava grudada em Moe. As costas dele já estavam sujas com o cocô da mulher. Ele não aguentava mais carregá-la. Aí Moe pulou na água e afundou para ver se Paicure saía, mas não adiantou. Voltou para a terra. Ele então se transformou numa onça e correu, correu. O corpo de Paicure batia nas árvores, mas não caía, Ainda como onça, Moe pulou de novo na água, Lá no fundo, Paicure batia nos paus, mas aguentava ali. Moe foi para a terra e voltou a ser gente.

Ele estava triste, já fazia muito tempo que carregava Paicure na suas costas. Quando ele chegou em casa, o irmão dele deu na cara de Paicure um dente de piranha e falou:

– Vá lá no fundo do igarapé e ponha esse dente na cara de Paicure. Por duas vezes ele pôs o dente na cara de Paicure. Ela pensou que fosse piranha mesmo. Mas só na segunda vez ela desgrudou das costas de Moe e ficou na terra para fugir das piranhas.

Moe foi buscar peixe para Paicure e na volta desse:

– Agora, eu vou lá no fundo e vou demorar mais.

Aí Moe pulou na água e foi sair bem longe. Voltou para casa, Paicure ficou lá onde ele estava. Depois de um tempo, ela subiu numa árvore e esperou Moe. Um dia Moe voltou para ver Paicure e ela estava transformada em um ovo de passarinho. Depois de muito tempo ele foi ver outra vez, foi olhar. Ela já era um papagaio que se chama *powaru* e que estava num ninho, bem branquinho como algodão. Depois de um tempo, Moe chegou lá e o papagaio já

tinha crescido, tinha pena verde e amarela. Na última vez, Moe voltou para ver e viu o papagaio voando. Assim a história terminou.

3.2.11. História do Metare

Antigamente tinha um homem que também era bicho e que se chamava Witchicu. Ele era um bicho que comia todos os homens que se casavam com sua filha e ele matou todos os cinco genros. Um deles Witchicu chamou para comer beiju que a filha dele tinha feito. Mas antes do genro comer o beiju, Witchicu mandou ele pegar uma corda e subir numa árvore de bacaba. Witchicu disse para o genro ele levar a corda enrolada no pescoço. Quando o genro estava em cima, ele puxou a corda, o genro caiu e morreu. Aí mesmo Witchicu comeu o genro com beiju.

O último genro de Witchicu se chamava Metare. Aí Metare pensou: Agora é minha vez, que eu vou me casar com a filha de Witchicu. E foi falar com o sogro:

– Quero casar com sua filha!

Witchicu respondeu: Está aqui a minha filha, pode casar com ela.

Metare se casou e Witchicu logo mandou a sua filha fazer a pamonha. E chamou seu genro para ir no mato pegar bacaba. Chegando lá no mato, ele mandou o genro tirar cipó. Ele falou para o genro não ir para o outro lado, porque ali tinha muitas formigas-de-fogo. Metare respondeu ao sogro: – Tá bom! Mas, enganando o sogro, deu a volta e foi para esse lado proibido. Quando ele chegou lá ele viu os ossos dos outros genros que Witchicu tinha comido. E logo que o genro voltou, Witchicu mandou que o genro prendesse o cipó no pescoço para ele pegar a fruta de bacaba. Metare, porém, só colocou o cipó nos ombros. Witchicu viu a corda mal colocada e mandou novamente pôr no pescoço. E quando ele estava bem perto de tirar a fruta, então Witchicu queria puxar a corda, mas ele não conseguiu matar o genro. Então Metare se transformou em um japó e cantou:

– Tu ã, tu ã, tu ã, tu ã!

E ele ficou sentado num galho da árvore. Aí Witchicu ficou pensando: O que vou comer agora? Perdi a minha comida. O que vou comer com a pamonha agora? E se lamentava. Aí o japó cantou:

– Bururururur, Tururu, nugu na ngêcu'u nugu nangê cu-u.

Quando ouviu esse canto do japó, Witchicu comeu seu próprio corpo e começou a comer a carne de uma das suas pernas. Ele não percebeu que estava comendo o seu próprio

corpo mesmo. O japó cantou de novo e Witchicu comeu a outra perna. E na terceira vez ele comeu a parte de cima da perna, em seguida comeu o resto da outra perna e depois comeu a sua barriga. Na última vez que o japó cantou, Witchicu comeu seus braços. Por fim, ele ficou só com os ossos, a cabeça e o coração. Mas ele estava vivo ainda. Aí o japó jogou fogo em cima dele para queimá-lo e Witchicu acabou de todo.

3.2.12. Wūcutcha

Wucutcha era um vovô maldoso, que roubava e sempre levava os ovos de tartaruga para sua avó. Depois disso, esses ovos se transformavam em crianças. Para fazer isso, Wucutcha matava o pai e mãe das crianças. Ele matava mulheres ainda grávidas, abria a barriga da mulher e tirava a criança da barriga. Essas crianças depois se transformavam em ovo de tataruga. Um dia Wucutcha levou sete ovos para sua avó. Nesses ovos saíram quatro meninos e três meninas. Quando eles cresceram as crianças falaram assim:

– Agora nós vamos matar o vovô Wucutcha, porque ele que matou nossos pais. E foram matar a avó e separaram o corpo da velha em pedaços. Ai eles jogaram os pedaços pelo caminho por onde Wucutcha passava. Depois disso as crianças se transformaram em passarinhos e ficaram nos galhos das árvores, esperando Wucutcha passar.

Quando ele voltou da caça, Wucutcha não encontrou mais a sua avó em casa e foi procurá-la. Wucutcha gritou:

– Eh, vovô! Onde você está?

Os pedaços que estavam espalhados pelo caminho responderam: Eh! Eh! Aí o Wucutcha foi procurar e não viu nada. Só ouvia voz lá do mato. Por duas vezes ele voltou no lugar de onde vinha a voz, mas nada viu. E de novo chamou a sua vovó e disse assim: Ela foi mais longe! E disse: vou embora para minha casa. Na terceira vez, ele ouviu um canto dos sete passarinhos, que disse: agora você vai ver, porque você fez nós ficarmos órfãos, sem pai e sem mãe. Ele ouviu isso e foi pegar sua zarabatana e soprou e matou todos, até terminar o líquido do veneno da zarabatana. No outro dia também ele soprou o líquido do veneno da zarabatana, mas não conseguiu. Por causa disso não foi caçar, por causa dela. O veado dele se estragou por motivo dela, que ele não comia, e o corpo dele ficou mole quase desmaiando e não ficava em pé direito, se balançando de fome. É nesse momento que eles foram lá e o mataram e morreu e ai eles pegaram o braço direito e fugiram. E de repente foram para lá no outro lado e viram a vovó jacaré vindo de frente para eles, e perguntaram á vovó jacaré:

– Ó vovó, será que não dá para levar a gente lá no outro lado e deixar lá?

A vovó jacaré respondeu: – Tá bom meus netos. Ela disse sim! Ela é tão boazinha, não é preguiçosa, porque ela está com fome. Os meninos ficaram espertos e puseram os seus nomes de pássaros. Eles disseram: se vovó jacaré perguntar, não responda rápido. Aí eles colocaram os seus nomes diferentes e falaram seus nomes: eu sou *pupunari*, *pururu* e outro *tetenu*. Aí ela foi na beira do rio, aí ela se empurrou com seu rabo e suspendeu o rabo e as crianças embarcaram e se sentaram em cima dela, e foi-se embora e atravessou. Quando ela chegou no meio do rio a vovó jacaré peidou! E perguntou: meus netos, como vocês sentiram o cheiro do meu peido? Tem cheiro bom? Quando ela chegou bem longe, ela soltou outro peido e perguntou: Como é o cheiro do meu peido? Eles disseram assim: Tem cheiro ruim, vovó, o seu peido. Quando eles chegaram bem longe, a vovó jacaré peidou de novo e perguntou aos netos, dizendo: Tá cheiroso meu peido, meus netos? Aí é que ela ia pegar os netos para comer, e os netos se transformaram em pássaros e uma das irmãs dele não conseguiu voar muito longe e voou bem baixinho e a vovó jacaré a comeu e ela morreu. E agora nós estamos juntos e pensamos juntos, como poderemos ver a nossa irmã. Será que não é bom chamar o vovô Cawa? Então eles foram chamar o vovô Cawa e ele chegou logo e começou a chupar o rio até a sua irmã secar e começaram a procurar mais rápido a irmã. E foi na boca do rio pegar e bater nela.

Capítulo IV – Análise linguística dos textos

4. Análise linguística de três textos do livro *Toru Duu^ũũgu*

Antes de darmos início a análise dos textos, apresentamos os quadros fonéticos e fonológicos dos sons Tikúna, e , em seguida, fazemos algumas considerações sobre a segmentação dos dados e a análise proposta de alguns morfemas, que receberam interpretação distinta de outros estudiosos.

QUADRO FONÉTICO DOS SEGMENTOS CONSONANTAIS				
	BILABIAL	ALVEOLAR	PALATAL	VELAR
OCLUSIVO	p	t		k
	b	d		g
NASAL	m	n		ŋ
AFRICADO	β		tʃ	ɲ
			dʒ	
TEPE		r		
APROXIMANTE	w			

Quadro 1

QUADRO FONÉTICO DOS SEGMENTOS VOCÁLICOS ORAIS			
	Anterior	Central	Posterior
[+ ALTO]	i	ɨ	U
[- ALTO]	e	a	O

Quadro 2

QUADRO FONÉTICO DOS SEGMENTOS VOCÁLICOS NASALIZADOS			
	Anterior	Central	Posterior
[+ ALTO]	ĩ	ɨ̃	ũ
[- ALTO]	ẽ	ã	õ

Quadro 3

QUADRO FONOLÓGICO DOS SEGMENTOS CONSONANTAIS				
	BILABIAL	ALVEOLAR	PALATAL	VELAR
OCLUSIVO	p	t		k
	b	d		g
NASAL	m	n		ŋ
AFRICADO			tʃ	
			j	
TEPE		r		
APROXIMANTE	w			

Quadro 4

QUADRO FONÉTICO DOS SEGMENTOS VOCÁLICOS ORAIS			
	Anterior	Central	Posterior
[+ ALTO]	i	ɨ	U
[- ALTO]	e	a	O

Quadro 5

QUADRO SINÓTICO DOS SEGMENTOS VOCÁLICOS NASALIZADOS			
	Anterior	Central	Posterior
[+ ALTO]	ĩ	ɨ̃	ũ
[- ALTO]	ẽ	ã	õ

Quadro 6

Há em Tikúna vogais laringalizadas orais e nasais (ver Soares 1986), as quais não incluimos no quadro fonético das vogais.

4.1. Sobre a segmentação e análise linguística dos morfemas

A segmentação dos dados resultou de uma análise contrastiva dos mesmos, observando as fronteiras de morfemas e a semântica de cada um deles. A identificação das funções de cada morfema deu-se por meio de procedimentos comutativos, usados como testes

para o estabelecimento do pertencimento de um dado morfema a uma supercategoria semântica. Assim propusemos, em nossa análise, que os morfemas *rí* e *i* se alternam no discurso para marcar tópico. O morfema *i* ocorre quando há mudança de tópico discursivo. Esta é, naturalmente, uma análise que deverá ser melhor aprofundada, mas é a que os dados aqui apresentados parece sustentar. Observem-se os exemplos de 1-7 no primeiro texto analisado, nos quais a alternância entre *rí* e *i* se dá justamente quando há mudança de tópico, sendo o marcador *rí* o principal. Levaremos adiante essa investigação para contribuir com uma análise mais aprofundada desses dois morfemas. O morfema *rí* foi chamado de TOP por Soares em vários de seus estudos sobre a língua Tikúna. Propusemos a expressão TOP.I para contrastá-lo com TOP.2 que teria a forma *i*.

Optamos por chamar o morfema *ga* de REM ‘remoto’ e não de CAD como rotulado por Soares, por representar um passado distante, mas não obsoleto.

Analisamos o morfema *ja* como tendo um valor epistêmico de valor de verdade, usado para reforçar a crença do povo Tikúna na informação dada. Refere-se a fatos passados, como outros morfemas da língua.

Analisamos o morfema *pa* como uma marca discursiva usada pelo falante quando este desconhece o valor de verdade da informação transmitida pelo predicado, e o glossamos por meio de P.

4.1.1. Análise dos textos

4.1.1.1. Texto I

1) *nori ígí tʃíga*

nori ígí tʃíga
dele começo história

‘o começo da história (de *ɲutapa*)’

2) *níma ga ɲutapa ga naãne namaʔã dʒa ʔitʃiki*

ní-ma ga ɲutapa ga naãne na-maʔã ja ʔitʃi-ki
3- REM ɲutapa REM mundo 3-ASS I.V. surgir-NOM
AUX

‘foi com *ɲutapa* que o mundo surgiu’

- 3) *ri ηeĩ ri na taguma taãki*
 ri jeĩ ri na taguma ta-ãki
 TOP.1 mulher TOP.1 3 não.ter 3sfcorr-filho
 ‘e a mulher dele nunca teve filhos’
- 4) *i pũma na dzema i na aeĩrĩ ri dziiĩ ηema na dzaemaẽĩ ga ηutapa*
 i pũma na je-ma i na i aeĩrĩ ri jiiĩ
 TOP.2 agora 3 esse- TOP.2 3 TOP.2 cantando TOP.1 como
 AUX
 je-ma na jaemaẽĩ ga ηutapa
 esse-AUX 3 crescer REM ηutapa
 ‘lá, ela cresceu, cantando junto com ηutapa’
- 5) *i nori ĩfikĩ i ñeguma ri nori tjiura ta ηemana nadzaĩ*
 i nori ĩ-ĩtji-ki i je-ku-ma ri no-ri tjiura
 TOP.2 primeiro 3 s-surgir- NLZ TOP.2 esse-loc-AUX TOP.1 3-gen esposa
 ta je-mana na-jãĩ
 também lá- AUX 3FS-crescer
 ‘no início surgiu também a mulher dele e lá ela cresceu’
- 6) *ri dza baia ri ta kina naηemaĩ ri nori tjiura ri ta naηemaĩ eri nĩma*
 ri ja baia ri ta kina na-ηemaĩ ri
 TOP.1 I.V. baia TOP.1 também sim, também 3-ter TOP.1
 no-ri tjiura ri ta na ηemaĩ eri nĩ-ma
 3-gen esposa TOP.1 também 3 ter por que 3-AUX
 ‘é porque também ele existia, o Baia, também e a mulher dele’

- 7) *ga baia rí ŋutapa taniĩĩ níĩ rí ßĩĩβa na dzae*
 ga baia rí ŋutapa taniĩĩ níĩ rí ßĩĩβa na jae
 REM baia TOP.1 ŋutapa parente 3-também TOP.1 junto 3 crescer
 ‘porque ele, Baia, era parente de ŋutapa e cresceu junto com ele’
- 8) *nukĩma ŋeguma rí nĩma ga ŋutapa rí na tauĩma ga norĩ bue nuĩĩ*
 nukĩ-ma je-gu-ma rí nĩ-ma ga ŋutapa
 antigamente -AUX esse-loc-AUX TOP.1 3-AUX REM ŋutapa
 rí na-tau-ma ga no-rĩ bue nu-ĩĩ
 TOP.1 3-não.ter-AUX REM 3-gen bebê 3-dat
 ‘naquele tempo, ele, ŋutapa, não tinha bebê para ele’
- 9) *tadzema dzerĩ tauguma níĩgĩgu nidau ga namamã rí na dzaemare*
 taje-ma jerĩ tau-gu-ma ní-gĩ-gu ni-dau
 esse- porque não.ter-loc- 3-REC -LOC 3-fazer.sexo
 AUX
 ga na-mama rí na-jae.mare
 REM 3-esposa TOP.1 3.crescer.prog
 ‘porque lá ele nunca copulava com a esposa dele e cresciam juntos lá’
- 10) *ŋeguma dzema namamare i dzãĩĩ rí tauguma i buĩa ga ŋĩma ga mapana*
 je-gu-ma je-ma na-mamare i jaĩĩĩ rí
 esse-loc-AUX lá-AUX 3-ficar.triste TOP.2 mesmo TOP.1
 tau-gu-ma i buĩa ga jĩ-ma ga Mapana
 nunca-loc-AUX TOP.2 filho REM 3-AUX REM Mapana
 ‘naquele tempo, então ela (mapana) estava triste porque não tinha filho, porque eles (ŋutapa e mapana) nunca fizeram sexo e assim eles cresceram’
- 11) *rí dzemaka ŋitfi naai ga nĩma ga ŋutapa*
 rí je-ma-ka jĩ-tfi na-ai ga nĩ-ma ga ŋutapa
 TOP.1 isso-AUX-por 3-com.rep.a 3-raiva REM 3-AUX REM ŋutapa
 ‘por isso ele tinha raiva dela (Mapana), ŋutapa’

- 12) *inaki i jeguma i jema, i taiβegine i nori naãne ð̃βaki, ri jema niʒi i jemagð̃*
 inaki i je-gu-ma i je-ma i nori naãne
 assim TOP.2 esse-LOC-AUX TOP.2 esse-AUX TOP.2 primeiro mundo
 ð̃βa-ki ri je-ma niʒi i na-je-ma-gð̃
 fazer- pass TOP.1 esse-AUX ser/existir TOP.2 3-esse-AUX-col
 ‘assim, naquele tempo, ele fez primeiro o mundo e depois a montanha taiβegine’
- 13) *eri jema i nori na-iʒi i naãne nua nati i tuneti .*
 eri je-ma i nori na-iʒi I
 porque 3-AUX TOP.2 primeiro 3-fazer TOP.2
 naãne nuã nati i tuneti
 terra aqui igarapé TOP.2 tuneti
 ‘porque não tinha terra lá onde eles estavam sozinhos’
- 14) *eri dzeguma ari na eãneki ri βiʒi i jeβaka i dza eanairiʒi ni ʒ̃ dzeri*
 eri je-ku-ma ã ri na-eãneki ri βiʒi
 PORQUE esse-loc-AUX rep TOP.1 3-secar TOP.1 um
 i jeβaka i ja eaneiri ni-ʒ̃ jeri
 TOP.2 novo TOP.2 I.V. escurecer 3-também porque
 ‘naquele tempo o leite do rio estava secando e também estava escurecendo’
- 15) *natauma ga pati ri dzema naβa nagemagi rikatama niʒi.*
 na tauma ga pati ri je-ma
 3 não.tem REM terra.baixa TOP.1 esse-AUX
 naβa na je-ma-gi rikata-ma niʒi
 lá 3 esse-AUX-col só-AUX ser/existir
 ‘não tem terra lá e só aqueles mesmos’

- 16) *rĩ dzeguma jemamã niĩĩ i na jemagiĩĩ rĩ marĩ purema dza taunekĩ nadzemagi.*
- | | | | | | | |
|-------|--------------|-------|----------------|-------------|-------|-----------------|
| rĩ | je-ku-ma | rĩ | je-mamã | niĩĩ | i | na-jemagiĩĩ |
| TOP.1 | esse-loc-AUX | TOP.1 | esse-AUX-mesmo | ser/existir | TOP.2 | 3PL-estar.junto |
-
- | | | | | | |
|-------|------|----------------|------|---------|---------------|
| rĩ | marĩ | pure-ma | ja | taunekĩ | na-jema-kĩ |
| TOP.1 | ja | quantidade-AUX | I.V. | ano | 3-estar.junto |
- ‘naquele tempo já estavam juntos lá, já há muitos ano estão lá’
- 17) *rĩ dzegumama niĩĩ ga tĩĩĩ nakuaiĩĩ ga namã ga ŋutapa*
- | | | | | | |
|-------|--------------|-------------|-----|------|-----------|
| rĩ | je-ku-mama | niĩĩ | ga | tĩĩĩ | na-kuaiĩĩ |
| TOP.1 | esse-loc-AUX | ser/existir | REM | ela | 3-bater |
-
- | | | | |
|-----|--------|-----|--------|
| ga | namã | ga | ŋutapa |
| REM | esposa | REM | ŋutapa |
- ‘ai que ele foi saber da mulher dele’
- 18) *rĩ dzeguma rĩ na tauma ga to, ga duũũũ nĩĩĩkagĩmare niĩĩĩ ga nadzemagiĩĩ*
- | | | | | | | |
|-------|---------------|-------|----|---------|-----|-------|
| rĩ | jeguma | rĩ | na | tauma | ga | to |
| TOP.1 | naquele tempo | TOP.1 | 3 | não tem | REM | outro |
-
- | | | | | |
|-----|-------|--------------|-------------|--------------|
| ga | duũũũ | nĩĩĩkagĩmare | niĩĩĩ | na-dzemagiĩĩ |
| REM | gente | só eles | ser /existe | 3P-estar.só |
- ‘naquele tempo não tinha outras pessoas, só eles estavam lá’
- 19) *natiĩĩĩ ga guma baia rĩ niĩĩĩ tadzema ga bue rĩ naaki nĩetfa nĩma ga guma*
- | | | | | | | |
|---------|-----|------|------|-------|--------|---------|
| natiĩĩĩ | ga | guma | baia | rĩ | ni-ĩĩĩ | taje-ma |
| porque | REM | ele | baia | TOP.1 | 3-ser | 3.tem |
-
- | | | | | | | | |
|-----|-------|-------|---------|---------|-------|-----|--------|
| ga | bue | rĩ | na-aki | pi-etfa | ni-ma | ga | guma |
| REM | filho | TOP.1 | 3.filho | 3f-ser | 3-AUX | REM | aquele |
- ‘porque eles tiveram filho’

20) *ŋutapa ri tauguma naãki ri muʔtʃikima dza tauneki na ŋeaki.*

ŋutapa	ri	tau-gu-ma	na-ãki	ri	muʔtʃikima
ŋutapa	TOP.1	nunca-loc-AUX	3-ter filho	TOP.1	muito mas

ja tauneki na ŋe-aki.

I.V. ano 3 3-ter.filho

‘ŋutapa muito anos não tiveram filho’

21) *ri dzeguma feneβa timamãã na uʔi ga namá ga ŋutapa dzeri dzeguma*

ri	je-gu-ma	feneβa	ti-mamãã	na	uʔi	ga	namã
TOP.1	esse-loc-AUX	caçar	com.ela	3	3-ir	REM	esposa

ga ŋutapa jeri je-gu-ma

REM ŋutapa porque esse-loc-AUX

‘naquele tempo ele ia com a esposa dele caçar’

22) *ri mari nadzaanegi ga naĩneki ri dzema i na feneeigu niʔi ga tiʔi na kuaiʔi ga nama*

ri	mari	na-jaanegi	ga	naĩneki	ri	je-ma	I	na
TOP.1	ja	3-cresceram	REM	matos	TOP.1	esse-AUX	TOP.2	3

feneeigu niʔi ga na kuaiʔi ga na-ma,

caçava 3.ser REM 3 bater REM 3-esposa

‘ja escurecia lá no mato, eles caçavam e ŋutapá bateu na mulher dele’

23) *ri dzeguma tiʔi dza naĩʔi, ri naineβa tiʔi niʔi nai ri ŋiparaβa ri#a*

ri	je-gu-ma	tiʔi	ja	naĩʔi	ri
TOP.1	esse-loc-AUX	ele	I.V.	amarra	TOP.1

naineβa tiʔi ni-ʔi nai ri ŋi-para-βa ri#a

tronco da árvore ele ser/existir amarrou TOP.1 3-perna-em também

‘ele amarrou a perna dela também no tronco da árvore’

24) *tiʔi niʔi naĩgi ri ŋitʃakiʔiβa ri#a.*

tĩĩ ni-ĩĩ nãĩgĩ rĩ jĩitfakĩĩĩba rĩta.
 ele 3-ser marrar TOP.1 braço dela também
 ‘ele amarrou ela nos braço dela também’

- 25) *rĩ dzemaβena rĩ nĩma ga ŋutapa rĩ naĩpetĩ ga na dza feneĩ*
rĩ dzema βena rĩ nĩ-ma ga ŋutapa
 TOP.1 lá depois TOP.1 3-AUX REM ŋutapa

rĩ naĩpetĩ ga na feneĩ
 TOP.1 passou REM 3 caçar
 ‘depois disso ŋutapa passou para caçar’

- 26) *dzerĩ dzeguma rĩ marĩ aurĩĩfima ŋuĩ tije, rĩ maẽ*
jerĩ je-gu-ma rĩ marĩ aurĩĩfima ŋuĩ tije
 ‘por que esse-loc-AUX TOP.1 já muito. mas dor levou

rĩ maẽ
 TOP.1 maribomdo
 ‘assim naquele tempo ele levou muito dor por causa do maribondo’

- 27) *rĩ tĩĩĩ natfi ěne rĩ tĩĩĩ na ŋo ga tĩmaãrĩ ŋeβa*
rĩ tĩĩĩ na-tfi rĩ ěne rĩ tĩĩĩ
 TOP.1 nós 3-ferra TOP.1 cupim TOP.1 nós

na ŋo ga tĩmaãrĩ ŋe-βa
 3 comer REM dela-em vagina
 ‘(como ela estava amarrada), os cupins entraram nela e a picaram e comeram na vagina dela’

- 28) *rĩ dzeguma tĩmaetĩgu i na rĩ βagĩgĩ i koou*
rĩ je-gu-ma tĩma-etĩgu i na rĩ βagĩgĩ i koou
 TOP.1 esse-loc-AUX sobre-ela TOP.2 3 TOP.1 pousar TOP.1 cãcã
 ‘então, naquele tempo, o cãcã pousou em cima dela’

- 29) *rĩ ŋeguma ŋina takagĩ rĩ ŋãtagĩrĩ pa noẽ pa koou tautiname ĩĩ*

rĩ je-gu-ma ni-na takagi rĩ ni-tagiri
 TOP.1 esse-loc-AUX 3-pra ela chamar TOP.1 3-dizer

pa no pa koou tautjina meĩ
 o que vovô o que cãcã é bom

‘ela chamou ele , aí ele disse: - O que vovó? Então ela disse para ele: - É bom você me desamarrar’

30) *ega tfoĩ iku ßẽgigu ñãtagiri co-co-co-cou ñãtagĩ, pa noẽ tautjina meĩ*

ega tfoĩ iku ßẽgigu ñãtagiri co co co cou
 bom a mim se desamarrar dizer assim co co co cou

ñãtagĩ, pa noẽ tautjina meĩ
 disse assim ei vovô não é bom

‘É bom desamarrar disse co co co a vovô, não e bom!’

31) *ga tfoĩ ikußegigu rĩ tfoĩ niĩ ma, i ukaĩtji i ñutapa ñãtagiri.*

ga tfoĩ ikußegigu rĩ tfoĩ niĩ ma i ukaĩtji
 REM mim desamarrar TOP.1 mim ser/existir bater TOP.2 safado

i ñutapa ñãtagiri.

TOP.2 ñutapa disse assim

‘vem me desamarrar, ele vai na minha mata, esse safado ñutapa, ela disse assim’

32) *ri dzeguma ga noẽ i koou ta ñika itari ã ri niĩ ta ñaĩ ri ku tiki pa tfautaã ñãtagiri.*

rĩ je-gu-ma ga noẽ i koou ta ñika i-tariĩ
 TOP.1 esse-loc-AUX REM vovó TOP.2 cãcã PROJ pra ela 3-descer

rĩ niĩ rĩ ku tiki pa tja-utaã ñãtagiri.
 TOP.1 3-transformar TOP.1 com por que p 1-sobrinho disse

‘naquele tempo a vovó cãcã disse: - Por que meu sobrinho está assim?; então a desamarrou e a transformou (em pessoa)’

33) *rĩ dzegumaga noẽ ga kookou rĩ ãrĩ duĩ*

rĩ je-gu-ma ga noẽ kookou rĩ ã-ri duĩ
 TOP.1 esse-loc-AUX REM vovó cãcã TOP.1 3- também gente

‘naquele tempo, vovó cãcã se transformou também em pessoa’

34) *rĩ dzeguma rĩ tíĩĩ dza ßẽgi rĩ jeguma*

rĩ je-gu-ma rĩ tíĩĩ ja ßẽgi rĩ je-gu-ma
 TOP.1 esse-loc-AUX TOP.1 dela é desamarra TOP.1 esse-LOC-AUX

‘naquele tempo ela a desamarrou’

35) *kuĩtanĩ fãĩgu rĩ daaniĩ dza maẽ janagiri*

kui tani tã-ĩgu rĩ daaniĩ dza maẽ ja-nagiri

2 vingar -1a TOP.1 esse aqui é maribondo 3.dizer

‘você quer se vingar (de ntapa), ela disse (ela disse para mapana)’

36) *rĩ dzeguma rĩ inadzau ga maẽ ga mapana.*

rĩ je-gu-ma rĩ i-najau ga maẽ ga mapana
 TOP.1 esse-loc- TOP.1 3-pegar REM maribondo REM mapana
 AUX

‘naquele tempo, a vovó disse: - Pega o maribondo, Mapana!’

37) *natĩĩ ga guma maẽ rĩ naega rĩ jerata ni?ĩ*

natĩĩ ga gumã maẽ rĩ naega rĩ jerata

porque REM aquele maribondo TOP.1 nome dele TOP.1 ver-marinbondo

‘porque aquele maribondo, o nome dele é maribondo verdadeiro’

38) *ni?ĩ ga naega, natĩĩ guma maẽ*

ni?ĩ ga naega natĩĩ guma maẽ

3-ser é REM nome porque aquele aquele

‘jerata é o nome dele porque aquele era maribondo’

39) *rĩ na taĩfirema rĩ natĩĩ dziema i daugu rĩ na i?ra.*

rĩ na taitjirema rĩ natĩri jiema i daugu
 TOP.1 3 não ter.nada TOP.1 porque nós TOP.2 se.olhar

rĩ na i?ra
 TOP.1 3pess bem pequena

‘nós vimos ela bem (pequena) pequena’

40) *rĩ dzeguma i nadzau ga mã, rĩ jĩgĩrĩgĩ taũĩ tama*

rĩ je-gu-ma i na-dzau ga mã
 TOP.1 esse-loc-AUX TOP.2 3-pegar REM Maribondo

rĩ jĩ-gĩrĩgĩ taũĩ tama
 TOP.1 3-dizer naõ não

‘naquele tempo, ela pegou o maribondo e disse assim’

41) *niĩĩ nua kuĩna jẽĩĩ jĩgĩrĩgĩ.*

niĩĩ nua kuĩna jẽũĩ jĩ-gĩrĩgĩ
 ser/existe aqui pode trazer ela-disse assim

‘não pode traz aqui (o maribondo) disse assim’

42) *rĩ marĩ dzemaβena ga koou rĩ tĩna i iĩĩĩ rĩ βerĩĩ tiĩĩ giĩĩ.*

rĩ dzemaβena ga koou rĩ tĩna i
 TOP.1 depois.disso REM cãcã TOP.1 para.ela TOP.2

iĩĩĩ rĩ βerĩĩ tiĩĩ jĩari
 embora TOP.1 pássaro transformar também

‘depois disso o cãcã foi embora transformado em pássaro’

43) *rĩ dzeguma ga nĩna ga jũtapa rĩ marĩ na taegut faĩĩ*

rĩ je-gu-ma ga nĩ-ma ga ŋũtapa rĩ marĩ na
 TOP.1 esse-loc-AUX REM 3-AUX REM ŋũtapa TOP.1 já 3-p

‘naquele tempo, ŋũtapa’

44) *rĩ dzeguma marĩ nataegugu rĩ βoβerugu niĩĩ fetĩgĩ rĩ dzeguma*

rĩ je-gu-ma mari nataegugu rĩ
 TOP.1 esse-loc-AUX ja quando.volto TOP.1

βoβerugu niĩĩ fetʃigi rĩ je-gu-ma
 flauta ser/existir tocando TOP.1 esse-loc-AUX
 ‘naquele tempo, logo quando ηutapa voltou tocando flauta’

- 45) *ga nima ga mapana rĩ mari idza juẽẽ, ga namakiβaβa ga naiĩpĩneβa*

ga nima ga mapana rĩ
 REM ela REM mapana TOP.1

mari idza juẽẽ ga nama-kiβaβa
 ja ela esperar REM beira.do.caminho
 ‘Mapana esperou ele na beira do caminho’

- 46) *ri nĩma ga ηutapa rĩ niĩĩ βoβeruetʃigi rĩ niĩĩ βĩĩĩ paratʃigi*

rĩ nima ga ηutapa rĩ
 TOP.1 ele REM ηutapa TOP.1

niĩĩ βoβeruetigi rĩ niĩĩ paratʃigi
 ser/existir tocar.flauta TOP.1 ser/existir perna.no.ritmo
 ‘ηutapa ficou tocando flauta mexendo a perna no ritmo’

- 47) *ri niĩĩ fenagitʃigi, ri nãnagitʃi, ηũmarĩfi ηũnã i mapana*

rĩ niĩĩ fenagitʃigi rĩ nã-nagiri
 TOP.1 ser/existir soprando TOP.1 disse.assim

ηũmarĩfi ηũnã i Mapana
 e.agora como.assim TOP.2 Mapana
 ‘ele ficou soprando e pensou: - E agora, o que ela disse?’

- 48) *i maẽ niĩĩ βiari nãĩĩki rĩ ãne niĩĩ po*

i maẽ ni-ŕi βiari jaiãki ri ẽne ni-ŕĩ ŋo
 TOP.2 maribondo ela é um meio TOP.1 cupim ela-estar comer
 ‘o maribondo cupim estava comendo ela no meio’

49) *ari jaiãki jãnagiri tferutferu-u-u-u... jãnagiri.*

ari ja-ĩãki jãnagiri tferutferu-u-u-u jãnagiri
 também 3-meio disse.assim som da flauta disse.assim
 ‘(comendo ela) no meio e disse assim: - Tferutferu-u-u-u’

50) *ri dzeguma ga tĩma ga mapana ri mari nĩ*

ri je-gu-ma ga tĩma ga
 TOP.1 esse-loc-AUX REM ela REM

mapana ri mari nĩ
 mapana TOP.1 ja pra ele
 ‘naquele tempo, ela, Mapan, já existia’

51) *ta iniĩ ri βĩparagu niĩ ga nĩma, ri dzeguma mari na ŋupeti atfigu*

ta iniĩ ri βĩparagu ni-ŕi ga nĩma
 PROJ ouvir TOP.1 sobre.um.pé 3-ser REM ele

ri je-gu-ma mari na ŋupeti atfigu
 TOP.1 esse-loc-AUX já 3 cair.em.buraco lugar
 ‘ela o ouviu em pé com uma perna só caindo no buraco’

52) *ri nigĩ iŕdza kaiãtfigu, ri dzeguma naβeama nenaãga guma maẽ*

ri nigĩ iŕdja kaiãtfigu ri je-gu-ma
 TOP.1 ela ela se dar.passo.para trás TOP.1 esse-loc-AUX

na-βeama nenaã guma maẽ
 3-atras 3.jogar aquele Maribondo

‘ela então deu um passo para trás e jogou aquele maribondo no joelho de ŋutapá’

53) *ri pe ga naã pĩĩgu ri nori naiãpĩguta.jĩ ga iniĩ niĩŕu, ri mari tama dzema i natfi*

rĩ pe ga i-niĩĩ niĩĩ-ŋu
 TOP.1 REM 3-ouvir 3-cair

rĩ *marĩ* jema i natji
 TOP.1 ja lá TOP.2 levantou
 ‘ela ouviu ele cair e ele não levantou mais’

54) *rĩ tĩma ga na?ma mapana rĩ tĩma iti?u rĩ dzema dzimĩma niĩĩ*

rĩ tĩma ga na?ma mapana rĩ
 TOP.1 ela REM esposa mapana TOP.1

tĩma iti?u rĩ jema dzirĩma niĩĩ
 ela foi.embora TOP.1 lá deixar é
 ‘Mapana, a esposa dele, foi embora deixando ele lá’

55) *rĩ nĩna iti?ĩĩma ga ĩpata?a*

rĩ nĩna i-ti?ũma ga ĩpata-?a
 TOP.1 pra ele 3-ir.embora REM casa-para
 ‘ela, então, foi embora para casa’

56) *rĩ dzeguma ga nĩma rĩ marĩ taguma i natji*

rĩ je-gu-ma ga nĩma rĩ marĩ taguma i natji
 TOP.1 esse-loc-AUX REM ele TOP.1 ja nunca TOP.2 levantar
 ‘naquele tempo ele nunca se levantou’

57) *rĩ nĩma ga na?ĩĩĩ tama ini?u ini ?aatfigĩ*

rĩ nĩma ga na?ĩĩĩ rĩ tama i-ni?u ini ?aatfigĩ
 TOP.1 ele REM 3-joelho TOP.1 não 3-ir.embora também engatinhando
 ‘ele foi embora engatinhando de joelho’

58) *rĩ ?umata inaju ga ĩpata?a ga na-dzaanegi*

rĩ ?umata i-naju ga ĩpata-?a ga na-dzaanegi

TOP.1 até agora 3-chegar REM em casa REM 3-entardecer
 ‘ele chegou na casa dele só ao entardecer’

4.1.1.2. Texto II

59) *d3oi gi ari butfiga*

d3oi gi ari butfiga
 d3oi plural também Nascimento
 ‘nascimento do Yo’i’

60) *ri d3eguma mari inapugu, ri napagu nari d3iãtʃi*

ri je-gu-ma mari inapugu ri na-pagu nari d3iãtʃi
 TOP.1 esse-loc-AUX j[a ele.chegou TOP.1 em.rede se deitou
 ‘quando ele chegou já logo se deitou na rede’

61) *ri d3eguma d3a nama ga mapana ri mari tama nuʔi ta kuaʔfai*

ri je-gu-ma ja nama ga Mapana
 TOP.1 esse-loc-AUX I.V. esposa REM Mapana

 ri mari tama nuʔi ta kuaʔfai
 TOP.1 já não ele PROJ não.que mas saber
 ‘naquele tempo a esposa mapana já nao queria mais saber dele’

62) *ri d3ema gurimare niʔi*

ri jema gurimare niʔi
 TOP.1 lá deixa ele lá é também
 ‘e deixaram ele lá sozinho’

63) *ri d3eguma mari aurima natʃitagu ri niʔi naju ga naãpʃi*

ri je-gu-ma mari aũrima na-tʃitagu
 TOP.1 esse-loc-AUX já muito 3-anoitecer

 ri niʔi na-ju ga na-ãpʃi

- TOP.1 para ele 3-dor REM 3-joelho
 ‘quando já anoitecera começou a doer muito no joelho dele’
- 64) *aũrimanarĩtfa, dzerĩ poraãki niĩĩ napu*
 aũrimanarĩtfa dzerĩ poraãki niĩĩ napu
 muito.inchado porque muito para.ele dor
 ‘tá muito inchado porque’
- 65) *ri mari dzeguma ßiĩ ga dzĩĩ dziĩguβena*
 ri mari je-gu-ma ßiĩri ga jĩĩ dziĩguβena
 TOP.1 ja esse-loc-AUX um REM é também depois.de.uma.semana
 ‘já depois de uma semana’
- 66) *ri mari aũri niĩĩ nari tfa ga naãpĩĩ*
 ri mari auri niĩĩ nari tfa ga na-ãpĩĩ
 TOP.1 ja grande dele 3 inchado REM 3-joelho
 ‘quando já estava muito inchado o joelho dele’
- 67) *ri dzemaβena mari miĩĩma ga juneĩguβena niĩĩ ri*
 ri jema-βena mari miĩĩma Ga
 TOP.1 isso-depois já muito mais REM

 juneĩgu-βena niĩĩ ri
 um.dia-depois e TOP.1
 ‘depois de um tempo já se passaram muitos dias’
- 68) *mari aũrima nari tfa ri nãtjikaβetaĩ*
 mari aurima nari tfa ri na tjikaβetaĩ
 ja muito mais também inchar TOP.1 3 bem transparente
 ‘e já também inchou muito mais e estava já bem transparente’
- 69) *ri djeguma niĩĩ nadaugi ri dzema niĩĩ nadau, ga*
 ri je-gu-ma niĩĩ na-dau-gi ri je ni na-dau ga

- ma ʔi
- TOP.1 esse-loc-AUX deles 3-ver- pl TOP.1 lá e 3-ver REM
 ‘naquele tempo ele viu e lá eles viram’
- 70) *ga tare ga duiʔi ga naãpɨɨβa, ri nori naiãpɨɨβa ri ta tare niʔi*
 ga tare ga duiʔi ga naãpɨɨβa ri
 REM dois REM gente REM em.joejho
 nori naiãpɨɨβa ri ta tare niʔi
 dele outro.joelho TOP.1 PROJ dois também
 ‘duas pessoas no joelho dele e no outro joelho também duas pessoas’
- 71) *guĩ i-puneĩgu niʔi i ta daĩ, ri niʔi nadau*
 guĩ i-puneĩgu niʔi i ta daĩ ri niʔi nadau
 todo dias e TOP.2 PROJ ver TOP pra –ele Viu
 .1
 ‘todos os dias ele via e continuava vendo’
- 72) *ga βiʔi ga dzati ga nori ɨe neĩβiki ga naãpɨɨβa*
 ga βiʔi ga dzati ga
 REM um REM homem REM
 nori ɨe neĩβiki ga na-ãpɨɨβa
 dele zarabatana esta cortando REM 3- joelho-em
 ‘um homem está fazendo zarabatana no joelho dele’
- 73) *i namiki ga peki ga jiri bureta i iki*
 i namiki ga peki ga jiri bureta i iki
 TOP.2 companheira REM mulher REM dela cesta TOP.2 fazer
 ‘a outra copanheira, a mulher, está fazendo a cesta dela’
- 74) *ri dzeguma riʔi ta ga nori naiãpɨɨβata, ri dzegumama na tunaʔriʔi*
 ri je-gu-ma riʔi ta ga

TOP.1 esse-loc- também PROJ REM
AUX

nori naiãpiĩbeta ri je-gu-ma na tũnaĩpiĩ
dele no outro joelho TOP.1 esse-loc-AUX 3 Rebentou
‘naquele tempo também o outro joelho dele, depois disso, se arrebentou’

75) *ri dzemaβena itatfoiĩ, namaã ga tĩmaãri ãe ga dzatiβa*

ri dzemaβena itatfoiĩ na-maã ga tĩmaãri
TOP.1 depois.disso saíram 3-com REM deles

ãe ga dzatiβa
zarabatana REM como.homem
‘depois disso, saíram eles, os homens, com suas zarabatans’

76) *ri ãeĩgi ri nori buremaã i na tfoĩ*

ri ãeĩgi ri nori bure-maã i na tfoĩ
TOP.1 mulher TOP.1 delas cesta-com M.TOP.2 3 saíram
‘as mulheres saíram com as cestas delas’

77) *nori tĩgine ãpiĩβa ina tfoĩ dza dzoi ri naĩẽdza i mowatfamaã*

nori tĩgine ãpiĩβa i-na tfoĩ
dele direita no joelho não-pas-3p sair

joi ri naĩẽdza i mowatfamaã
joi TOP.1 irmã

‘no joelho direito saíram Yoí e sua irmã *Mowatfamaã*’

78) *ri nori toβeãpiĩβa ta ina tfoĩ dza Ipi ri naĩẽdza i aikĩna*

ri nori toβeãpiĩβa ta ina tfoĩ
TOP.1 dele joelho.esquerdo PROJ ela sair

ja Ipi ri naĩẽdza i aikĩna

TOP.2 nome TOP.1 irmã TOP.2 aikina
 ‘no joelho esquerdo dele saiu Ipí e sua irmã Aikina’

79) *ri dzeguma ga nima ga putapa ri nari me, ri tauguma niĩ daβe*

ri je-gu-ma ga ni-ma ga putapa ri
 TOP.1 esse-loc-AUX REM 3-AUX REM nome.próprio TOP.1

na-ri me ri tau-gu-ma ni-ĩ daβe
 3-gen bom TOP.1 nunca-loc-AUX 3-ser doente
 ‘naquele tempo ele ficou bom e nunca mais ficou doente’

4.1.1.3. Texto III

80) *putapa na ai na no?tfiga*

putapa na ai na no? tfiga
 ηutapa 3 onça 3 comer assunto
 ‘ηutapa foi comido pela onça’

81) *ri dzemaβena ri mukima dza taunekiguβena mari nadzae ga nane*

ri dzemaβena ri mukima dza
 TOP.1 depois.de.um.tempo TOP.1 muito

taunekiguβena mari na-dzae ga Nane
 depois.de.ano já 3-crescer REM Filho
 ‘depois de um tempo, muitos anos depois, os filhos já haviam crescido’

82) *dzeri dzegumaikiĩ ri paamã tadzae, eri iĩñegi ri paatama nadzae*

dzeri djeguma ikiĩ ri paamã ta-jae
 porque naquele tempo TOP.1 logo 3.crescer

eri iĩñegi ri paatama nadzae

porque imortais TOP.1 mais.rápido crescer
 ‘porque naquele tempo logo cresciam mais rápido porque eram imortais’

83) *ri mari nadzaeguβena ri feneβa na ĩ, ga nainekiβa, dzeguma ga nĩma*

ri mari najaeguβena ri feneβa na ĩ
 TOP.1 já depois ele cresceram TOP.1 lá caçar Ir

ga nainekiβa je-gu-ma ga nĩ-ma
 REM na mata esse-loc-AUX REM 3-AUX

‘depois que eles já haviam crescido, caçavam na mata, naquele tempo’

84) *ga tĩmanati ga ŋutapa ri feneβa ta ĩŋdzane ri ni ńĩ tʃagie ri, tʃagieβa naĩ*

ga tĩmanati ga ŋutapa ri feneβa ta
 REM pai.dele REM ŋutapa TOP.1 caçar PROJ

ĩŋjane ri ni ńĩ tʃagie ri tʃagieβa nai
 enquanto TOP.1 existir pescar com.timbó TOP.1 pescar.com.veneno ir

‘o pai dele, ŋutapa, caçava enquanto ele ia pescar com veneno do timbó’

85) *ri dzema i natʃagieĩgũ ni ńĩ ga ai dzadzauĩũ ga nĩma ga ŋutapa*

ri djema i natʃagieĩgũ ni-ńĩ ga
 TOP.1 lá TOP.2 pescar com timbo 3-ser REM

ai dzadzauĩũ ga nĩ-ma ga ŋutapa
 onça Ele pulou REM 3-AUXi REM ŋutapa

‘lá onde eles estavam pescando com timbó, a onça pegou o ŋutapa’

86) *dzeri nĩmaĩ tuŋuβa na ŋa ga ŋutapa ri guma tuŋu i idzaβiitʃidzane*

jeri nĩmaĩ tuŋuβa na ŋa ga ŋutapa
 porque proposito em-espinho 3 pisar REM ŋutapa

ri guma tiŋu i idza βiitʃi dzane

TOP.1 aquele espinho TOP.2 esta tirou traição
 ‘de propósito pisou naquele espinho, ηtapa, quando estava tirando espinho de
 traição’

87) *naβeamane najã ga ai rĩ tí ga nadza dzau, rĩ dzemaãki dziĩ*

naβeamane	na-jã	ga	ai	ri	ti	ga
3-vir.atrás	3-correu	REM	onça	TOP.1	pegou	REM

na-dja	dzau	ri	djemaãki	djiĩ
se	pegou	TOP.1	eassim	É

‘a onça veio correndo atrás dele, pegou ele e assim foi’

88) *ri djeguma djikirama i tapugĩ dza naakiã, ga naβena ri ni-ma*

ri	je-gu-ma	djikirama	i	tapugĩ	Ja
TOP.1	esse-LOC-AUX	bem depois- mesmo	TOP.2	chegaram	

naakiã	ga	na-βena	ri	ni-ma
filhos	REM	3-depois	TOP.1	3-AUX

‘naquele tempo os filhos chegaram bem depois mesmo’

89) *ri dzemama i narĩtau, ga timanati ri tauguma inaju*

ri	je-mama	i	na-ritau	ga	timanati	ri
TOP.1	esse-AUX-AUX	TOP.1	3-sumir	REM	pai-dele	cd

tau-gu-ma	i na-ηu
nunca-loc-AUX	TOP.13- chegar

90) *natiĩ pima ga nama ri mari niĩĩ i kua, ga na taŕaki*

na-tiri	ni-ma	ga	nama	ri	mari
3-com.resp.a	3-AUX	REM	esposa	TOP.1	Ja

‘e la mesmo desapareceu e o pai dela nunca mas chegou’

niĩĩ i kua ga na taʔaki
 3-ser TOP.2 saber REM 3 grávida
 ‘porque ela, a esposa já sabia que estava grávida’

91) *dzema niĩũ ipetiĩ, gana ai dzema na joĩĩ ga ŋutapa*
 jema niĩũ ipetiĩ gana ai je-ma na joĩĩ ga ŋutapa
 esse-AUX para.ele passou esta onça esse-AUX 3 comeu REM ŋutapa
 ‘lá passou a onça comendo ŋutapa’

92) *ri dzeguma ga nimagi ri ŋina nakagiĩĩ ri ŋānagiri*
 ri je-gu-ma ga nimagi ri ŋina nakagiĩĩ ri ŋānagiri
 TOP.1 esse-loc-AUX REM eles TOP.1 dela chamar TOP.1 disse.assim
 ‘naquele tempo eles chamaram ela e perguntaram assim’

93) *pa noẽ peki niĩĩ dza tonati ŋānagiri?*
 pa noẽ peki niĩĩ ja tonati ŋānagiri
 O QUE vovó cadê e I.V. nosso.pai disse.assim
 ‘Cadê vovó, nosso pai? Disseram assim’

94) *ri i napaĩ ri ŋĩgiriĩ penati, ri tama niĩĩ kuaki dza penati*
 ri i napaĩ ri ŋĩgiriĩ penati ri
 TOP.1 TOP.2 responder TOP.1 disse.assim pai.de.vocês TOP.1

 tama niĩĩ i kuaki ja pe-nati
 não e TOP.2 quem.sabe I.V. vocês-pai
 ‘ela respondeu: - Não sei do pai de vocês.’

95) *ri dzeguma βenatama inakagi ri ŋĩgiriĩ?*
 ri je-gu-ma βenatama ina kagi ri ŋĩgiriĩ
 TOP.1 esse-loc-AUX de.novo 3p-gritou TOP.1 disse.assim
 ‘e naquele tempo ela gritou de novo, respondeu e disse assim’

96) *tauet figu auẽgu dza penati, ŋiãmaĩ ga noẽ namaãnajaĩ.*

tauetʃigu auẽgu dza penati niãmaĩ ga noẽ namaãnaɲai
 vassoura torceu pai.de.você ela.disse.assim REM Vovó

‘- Vassoura rodou pai de você, vovô disse assim’

97) *ri βena inakagi pa noẽ jeki ni ʃ dza tonati ɲãtagi ʃ penati*

ri βena inakagi pa noẽ jeki
 TOP.1 de novo ele.gritou vovó Cadê

ni ʃ ja tonati ɲagatagi ʃ penati
 e I.V. nosso.pai disse.assim pai.de.vocês

‘de novo ele gritou: – Vovô cadê o nosso pai? Disse assim’

98) *dza tama nu ʃ i kuaki dza penati, ri tama pa noẽ*

ja tama nu ʃ i kuaki Ja
 e não ele TOP.2 não saber

penati ri tama pa noẽ
 pai.de.você TOP.1 não porque Vovô

‘não sei sobre pai de vocês, não vovô?’

99) *ri jeki ni ʃ dza tonati ri ni ʃ ta kua ʃa ʃ dza tonati nataãki ni ʃ*

ri jeki ni ʃ ja tonati ri ni ʃ
 TOP.1 cadê e também I.V. nosso.pai TOP.1

ta kua ʃa ʃ ja tonati nataãki ni ʃ
 PROJ querer.saber I.V. nosso.pai disse.assim É

‘cadê o nosso pai, nós queremos saber, do nosso pai, disse assim’

100) *ipeti ʃ ɲãnagiri, ri tʃigu ɲa ɲã dza penati niãmaĩ*

ipeti ʃ ɲãnagiri ri tʃigu-pita ɲã ja penati ni-
 passou disse.assim TOP.1 cutia-dente disse I.V. pai de vocês 3-dizer
 ãmaĩ

‘o pai de vocês disse assim: - Passou assim, disse, dente de cutia’

- 101) *rì tama pa noẽ rì pekì ni ã dza tonatì rì ni?i ta kuatfaĩ*
 rì tama pa noẽ rì pekì
 TOP.1 não vovó TOP.1 cadê
 niã ja to-natì rì ta kuatfaĩ
 é I.V. 123-pai TOP.1 PROJ não.querer.saber
 ‘naõ vovô cadê o nosso pai queremos saber’
- 102) *pa noẽ ãã, tauetfigu auẽgu nitfigiama, rì nukãfima rì ãiã ta kaaãgietfaĩ*
 pa noẽ ãã tauetfigu auẽgu ni-tfigi-ama rì
 P vovó disse vassoura torceu 3.assim-falar TOP.1
 nukã-tfima rì ãã ta kaaãgietjai
 depois-int TOP.1 ela.mesma PROJ ficar.perguntando
 ‘vovô disse ‘vassoura torceu’ (porque ele não quis falar o que era), depois elas ficaram insistindo na pergunta’
- 103) *rì dzeguma ãã tagaiã tu?u nina na?a dza penatì ãã ga dzeguma*
 rì je-gu-ma ãã taããã tu?u nina
 TOP.1 esse-loc-AUX ela respondeu espinho pra ele
 na?a ja penatì ãã ga je-gu-ma
 caiu I.V. pai.de.você disse REM esse-loc-AUX
 ‘ela respondeu: espinho caiu em cima dele o pai de vocês ela disse’
- 104) *rì dzegumama niãã ni kuaããfieã rì itama ga dzeguma*
 rì je-gu-mama niãã ni kuaããfieã rì
 TOP.1 esse-loc-AUX dele 3 e sabiam TOP.1
 itama ga dzeguma
 também REM je-gu-ma
 ‘aí que eles perceberam e reconheceram naquele tempo’

- 105) *ri mari-na niʔi na kuagi ga ɲeguma dʒeguma*
 ri mari-na niʔi na kuagi ga ɲeguma
 TOP.1 ja-em dele 3 saber REM naquele tempo
 ‘ja sabiam dele naquele tempo’
- 106) *ri dʒeguma ga nima ga Ipí ri ɲānagiri, ɲūma i ta ɲuũɲagiʔi*
 ri je-gu-ma ga nima ga Ipí
 TOP.1 esse-loc-AUX REM ele REM Ipí
 ri ɲānagiri ɲūma i ta ɲuũɲagiʔi
 TOP.1 disse.assim agora TOP.2 PROJ o.que vamos.fazer
 ‘naquele tempo, ele, Ipí, disse assim: - E agora o que vamos fazer?’
- 107) *ɲāi ga Ipí, ri dʒeguma ɲānagiri pa māi, māi, māi meataritʃi naãne*
 ɲāi ga Ipí je-gu-ma ɲānagiri Pa
 assim REM Ipí esse-loc-AUX dizer.assim P
 māi māi māi meataritʃi na-ãne
 mano, mano, mano e bom 3-terra
 ‘assim Ipí naquele tempo disse assim irmão irmão irmão é bom a terra’
- 108) *aritagu i dʒa boegugu i taedʒa dʒae,*
 ari-tagu i ja boegugu i taeja jae,
 grande TOP.2 I.V. enrola TOP.2 nossa.irmã cabelo
 ‘mundo inteiro emrola o cabelo da nossa irmã’
- 109) *ɲāi ri ɲeguma ʃi niʔi i tima naɲuĩ dʒa tanati ɲāi ga nima ga Ipí.*
 ɲāi ri ɲeguma ʃi niʔi i tima naɲuĩ ja
 assim TOP.1 naquele tempo sim 3-ser TOP.2 ele como e que disse I.V.
 tanati ɲāi ga nima ga Ipí.
 nosso pai assim REM ele REM Ipí.

‘assim, naquele tempom ele como que disse o nosso pai Ipí : - Disse assim’

- 110) kukugu, jaãmaʔĩ ga naeneē ga dʒoi, ri βena tama, pa maĩ, maĩ, maĩ meatariʔĩ maĩ,
 ku-kugu jaãma-ʔĩ ga na -eneē ga joi ri
 2-loc 3.dizer-assim REM 3- irmão REM joi TOP.1

ri βena tama pa maĩ, maĩ, maĩ, meatariʔĩ
 TOP.1 rep neg I.V. irmão irmão irmão é.bom. sim

‘em você ela disse: - Irmão Joi, de novo, irmão, não é bom?’

- 111) ŋemaĩ i βaɣĩgu, jaãma dʒa Ipí, katiri niʔĩ ii jaãĩ ga dʒeguma, ri dʒemama niʔĩ naĩ ga dʒeguma.

ŋemaĩ i βaɣĩgu jaãma ja Ipí katiri
 esse-AUX-ter TOP.2 fazer aquilo disse assim I.V. Ipí cadê

niʔĩ ii jaãĩ ga je-ku-ma ri jemama
 3-dat experimentar disse REM esse-loc-AUX TOP.1 lá mesmo

ni-ʔĩ naĩ ga je-gu-ma
 3-dat fazer REM esse-loc-AUX

‘fazer aquilo, disse assim Ipí : - Cadê? Experimenta! Disse aí lá mesmo foi fazer esse naquele tempo’

- 112) ri dʒeguma pa maĩ, maĩ, maĩ meatariʔĩ dʒa pudʒegu naka dʒa ai, jaãmaʔĩ i dʒeguma.

ri je-gu-ma pa maĩ, maĩ, maĩ meatariʔĩ ja
 TOP.1 esse-loc-AUX P irmão irmão irmão bom assim I.V.

pudʒegu naka ja ai, jaãmaʔĩ i je-gu-ma.
 cerca pra ele I.V.. onça disse assim TOP.2 esse-loc-AUX

‘irmão, irmão, irmão é bom sim fazer cerca pra onça ele disse assim’

- 113) Name niʔĩ nataɣĩ ga dʒeguma ga naeneē ga dʒoi, ri dʒegumatama naka

name niʔĩ nataɣĩ ga je-gu-ma ga na-eneē
 é bom é disse.assim REM esse-loc-AUX REM 3-irmão

ga joi ri je-gu-ma-tama na-ka
 REM Joi TOP.1 esse-loc-AUX-rápido 3-dat

‘é bom assim irmão dele Joi chamou rápido’

- 114) tanañemañ ga dzema pudzeruñ ri tama ga tañ ri iramareñtama ga dzema pudzeñ ga nañ.

tanañemañ ga jema puje-ruñ ri tama ga tañ
 que há REM aquela cerca-col TOP.1 não REM grande

ri ira mareñtama je-ma pujeñ ga na-ñ.
 TOP.1 pequeno bem pequeno mesmo esse- cercado REM 3-fazer
 AUX

‘que tem aquele cercado que não é muito grande; é bem pequeno mesmo aquele cercado que ele fez’

- 115) ri nima ni?i ga dzoi ga nañemañ ga dzema pudzeri?i?i?a ri nigagutama i nañugi, na?i ga pudzeñ

ri nima ni?i ga joi ga nañemañ ga
 TOP.1 ele ser/existir REM joi REM esta ai REM

je-ma puje-ri?i?i?a ri ni-gagu-tama i na-ñugi, na-?i pudzeñ
 esse-AUX cerca-lá TOP.1 3-ref-mesmo TOP.2 3-chegar 3-fazer cerca

‘é Joi que esta aí na cerca; ele mesmo chegou a fazer a cerca’

- 116) pudzei natiri dzema pudzeñ ri na ira, dzeri dzematama ni?i ga nañene ari ta ri naki?a?a

pudzei natiri je-ma pudzeñ ri na ira jeri
 cercado porque esse- cercado TOP.1 3 Pequena porque
 AUX

je-ma-tama ni?i ga nañene ari ta ri na-ki?a?a
 esse-AUX- 3-ser REM mundo também PRO TOP. 3-perto.de
 mesmo J 1

‘porque aquele cercado é pequeno; porque esse mesmo ser, o mundo também esta perto dele’

- 117) *ri deaniʔi ri tokiβaβa ri tadeaniʔi ri guikiβaβa niʔi ga deadziʔiʔi*
ri dea-niʔi ri tokiβaβa ri tadeaniʔi
 TOP.1 água -e ser- TOP.1 outro lado TOP.1 também é água
- ri guikiβaβa niʔi ga deajiʔiʔi.*
 TOP.1 todos os lado 3-ser TOP.1 é água também
- ‘água está do outro lado também, no outro lado também; água está em todos os lados também’
- 118) *ri dʒeguma ri mari niʔi nanuʔiʒu ga dʒema pudzeĩ, ri nana ia ga natiβaama*
ri je-gu-ma ri mari niʔi na-guʔiʒu
 TOP.1 esse-AUX TOP.1 já dele 3-quando acabou
- je-ma pudzeĩ, ri nana ia ga natiβaama*
 esse-AUX cerca TOP.1 eles fazer REM igarapé
- ‘naquele tempo, quando já acabou aquele cercado, ele fez a porta no lado do igarapé’
- 119) *mari dʒema guʔi niʔi megu, dʒeguma niʔi ga dʒapuãĩ ga naedʒadʒae, ga dʒema moβatʃa i*
mari je-ma guʔi niʔi megu je-gu-ma niʔi ga
 já esse-AUX todo dele pronto esse-loc-AUX 3-ser/exitir REM
- japuãĩ ga na-eja-jae ga je-ma moβatʃa i*
 pegou REM 3-irmã-cabelo REM esse-AUX moβatʃa TOP.2
- ‘quando estava tudo pronto, ele pegou e tomou o cabelo da irmã Moβatʃa’
- 120) *ĩkidʒae, dʒeri dʒema idʒiĩ ga dʒoi naedʒa iʃi i iki*
i ki-jae jeri je-ma iʃi ga joi
 TOP.2 2-cabelo porque esse-AUX ela é REM joi
- na ĩja iʃi i iki*
 3 irma verdadeira TOP.2 irmã.verdadeira.ser

‘o cabelo dele, porque ela é irmã de Joi, verdadeira’

121) rì dzegumaβena mari dzema niʔĩ ɲuʔĩgu, rì niʔĩ na ĩ ga naeene ari tagu idza

rì	je-gu-ma-βena	mari	je-ma	niʔĩ	guʔĩgu,	rì
cd	esse-loc-AUX-REP	já	esse-AUX	3-ser	acabou	TOP.1

niʔĩ	na	ĩ	ga	na-ãene	ari	tagu	i ja
ele	3	fez	REM	3-mundo	também	grande	TOP.2 I.V.

‘depois disso já acabara ele de dar volta ao mundo grande também’

122) βeeguĩ ga naēdzadzæ, rì dzegumama niʔĩ ga niʔĩ na iʔĩ ga naniʔĩ na tuĩ.

βeeguĩ	ga	na-eja-jæ	rì	je-gu-mama	niʔĩ	na
nadou	REM	3-irmã-cabelo	TOP.1	tinha que ser agora	ser/existir	3

iʔĩ	ga	na-niʔĩ	na	tuĩ
experimenta	REM	3-ele fez	3	chupou

‘nadou com cabelo da irmã, aí que ele vem experimenta e a fez chupar’

123) rì naãene rì i na iraãʔiane rì dea rì naβeama niʔĩ ũĩʔĩʔĩgi rì

rì	na-ãene	rì	i	na	iraãʔiane	rì
TOP.1	3-mundo	TOP.1	TOP.2	3	ficou pequeno	TOP.1

dea	rì	na-βeama	ni-ʔĩ	ũĩʔĩʔĩgi	rì
agua	TOP.1	3-atras dele	3-ser	vindo atrás	TOP.1

‘o mundo ficou pequeno e água vindo atrás dele’

124) dauʔita rì i niʔĩ iraãʔĩʔĩgi rì nima i ɲema aigi rì βiɪβa na ĩãʔĩ.

dauʔita	rì	i	niʔĩ	iraãʔĩʔĩgi	rì	ni-ma	i
centro roça	TOP.1	TOP.2	3-ser	ficando pequeno	TOP.1	3-AUX	TOP.2

ɲema	ai-gi	rì	βiɪβa	na	ĩãʔĩ.
aquele	onça-plu	TOP.1	junto	3	estar

‘roça, ficando pequena, ele e aquele onça estão juntos’

- 125) rì dzegumama ninaiʔĩ, rì nima ga guma naeneē rì tokiβaβaama, naʔĩ rì dzema
 rì dzegumama ninaiʔĩ rì nima ga guma
 TOP.1 não tinha que ser agora figindo TOP.1 ele REM aquele

naeneē rì tokiβaβaama naʔĩ rì dzema naeja
 irmão TOP.1 outrolado foi TOP.1 aquela irmã

‘e o irmão foi para o outro lado experimentar, e lá o irmão foi também no outro lado com a irmã’

- 126) rì tokiβaβa kodzaĩ ηema ηĩ niʔĩ juēē, rì dzema kodzaĩ e ĩki
 rì tokiβaβa kodzaĩ ηema ηĩ niʔĩ juēē
 TOP.1 outro lado jacaré preto lá transformou é se deitou

rì jema kodzaĩ ĩki rì aikina
 TOP.1 aquela jacaré preto se transformou TOP.1 aikina

‘no outro ladom o jacaré preto se transformou e se deitou lá aikina’

- 127) rì aikina i dziʔĩ naedza ĩʔĩ dza Ipí.
 rì aikina i jiʔĩ na eja ĩʔĩ já Ipí.
 TOP.1 aikina TOP.2 ela é 3 irmã verdadeiro Ipí

‘aikina ela é irmã verdadeira do Ipí’

- 128) rì dzeguma dzemaβena, rì nari ĩʔĩʔĩ ga ηoogi rì nĩra nari ĩʔĩʔĩ ga ηaβi rì koβi
 rì je-gu -ma jemaβena rì nari ĩʔĩʔĩ ga
 TOP.1 naquele tempo depois disso TOP.1 também Vindo REM

ηoogi rì nĩra nari ĩʔĩʔĩ ga ηaβi rì koβi
 bichos TOP.1 primeiro e também vieram REM anta TOP.1 veado

‘naquele tempo, depois disso, também vieram primeiro o bichou e depois a anta e o veado’

- 129) rì dzaβe, rì dzema niĩgue rì dzeguma nari ĩʔĩʔĩ ga naguʔĩ rì ai dza ηemagi.
 rì jaβe rì jema niĩgue rì je-gu -ma

- TOP.1 jaβe TOP.1 quando acabou TOP.1 naquele tempo
 nari iʔiʔi ga na-guʔi ri ai ja ŋemagi.
 também estao vindo REM 3-acabou TOP.1 onça I.V. estão lá
 ‘quando acabou naquele tempo, também estão vindo. acabou a onça’
- 130) ri dʒeguma mari dʒema i guegu, ri naβa naŋu ga aiʔiʔi ga nanaĩʔiĩ ri dʒeguma.
 ri jeguma mari jema i guegu ri
 TOP.1 aquele já lá TOP.2 acabou TOP.1
 nagu ga ai-ʔiʔi ga na na ĩĩʔiĩ ri jeguma.
 chegou REM onça-de verdade REM 3 3 transformou TOP.1 naquele tempo
 ‘aquele lá já acabou, e chegou a onça de verdade e se transformou’
- 131) niʔi ʔopetietani, ri marima muki ʔopetigu, ri guma meama ŋãĩβa ikina na kagi,
 niʔi ʔopetietani ri mari-ma muki ʔo-petigu ri
 3-ser vão passando TOP.1 Ja -com muito 3-passaram TOP.1
 guma meama ŋãĩβa ikina na kagi,
 aquele muito bem meio e assim 3 gritou
 ‘vão passando já quando muitos passaram’
- 132) ri nãnagiri pa oʔi dʒa ai ŋetairaĩta i tori uβani i nũma nãtagiri ri dʒeguma
 ri nãnagiri pa oʔi ja ai ŋetairaĩta
 TOP.1 disse assim P vovô I.V. onça onde está
 i tori uβani i nũma nãtagiri ri je-gu-ma. -
 TOP.2 nosso inimigo TOP.2 agora disse assim TOP.1 3-loc-
 ‘disse assim vovô onça: - Onde está o nosso inimigo e agora disse assim’
- 133) tĩĩ naŋaĩ go oʔi ga ai ri nãnagiri dʒearaĩta nãnagiri ga dʒeguma.
 tĩĩ naŋaĩ go oʔi ga ai ri

pra ele respondeu vovô REM onça TOP.1

nãnağiri đgearaíta nãnağiri ga jeguma.
disse assim mas longe disseassim REM naquele tempo
'o vovô onça disse assim: - Mas longe assim! Disse, naquele tempo'

134) dika peri ãñe ri ßibeãma ni?i feſſigi ga guma ai ñaĩ ga naga, űutapa ari

dika peri ãñe ri ßibeãma ni?i feſſigi
escuta você ouvir TOP.1 frente para atrás 3-ser/existir asoprando

ga guma ai ñaĩ ga naga űutapa ari
REM aquele onça disse REM voz űutapa também
'escuta você ouviu? Tá soprando atrás dela aquela onça – Disse a voz da űutapa também'

135) tueri- i-i, dua, dua, dua durumi, durumi, durumi ñaĩ ga naga ga ai , duĩri?i nagu ni?i feſſigi dža tie.

tueri- i-i dua dua dua durumi durumi durumi
tueri- i-i dua dua dua beber beber beber

ñaĩ naga ai duĩri?i nagu ni?i feſſigi ja tie.
assim voz onça parece gente no aquilo ser/existir soprou dentro I.V. estomago
'beber berber beber, assim a voz da onça que parece gente foi soprando dentro do estomago'.

136) ri đzeguma ga ai ri na ipeti.

ri je-gu-ma ga ai ri na ipeti.
TOP.1 naquele tempo REM onça TOP.1 3 passou
'naquele tempo a onça também passou'

137) ri inadžaűueęgi ri ga ai nađža đzauãki ga guma ai.

ri inadžaűueęgi ri ga ai nađža
TOP.1 ficaram esperando TOP.1 REM onça para

jauãki ga guma ai.
 pegou REM aquela onça
 ‘ele ficou esperando a onça para pegá-la’

- 138) pa oi ta taʔaki niʔi i ɲema nama i qui feʔiɲiɲiʔi tauʔima pa ʔfautaʔã, tauʔi pa ʔfautaʔã.
 pa oi ta taʔaki niʔi i ɲema nama i
 P vovô PROJ o que? ser/existir TOP.2 aquilo com isso TOP.2
- qui feʔiɲiɲiʔi tauʔima pa ʔfautaʔã, tauʔi pa ʔfautaʔã.
 fica soprando nada netos nada netos
 -Vovô o que é aquilo que você esta soprando? Disse nada meus netos’

- 139) na aneʔiʔi ri tama niʔi niʔi uʔfaʔi.
 na aneʔiʔi ri tama niʔi uʔfaʔi.
 3 vergonha TOP.1 não que ele dizer
 ‘tem vergonha, ele nao que dizer’

- 140) ri ti ga taʔa dzau nuama tana ʔfaʔiʔi ri tana puʔuʔiʔeʔe taʔu ga natiʔa na dzuʔu, ti ga
 kodza idza dzaʔu dzemana
 ri ti ga taʔa dzau nuama tana
 TOP.1 pegou REM também pegou pra cá também
- ʔfaʔiʔi ri tana puʔuʔiʔeʔe taʔu ga na-tiʔa na
 pouxou TOP.1 também Fez escapa pulou REM 3-em-igarapé 3
 ‘pegou também, e pegou pouxou pra cá também, e fez escapar, e pulou no igarape’.

- 141) dzuʔu, ti ga kodza idza dzaʔu dzemana.
 djuʔu ti ga koja ija jaʔu jemana
 pulou pegou REM jacarepreto ela transformou lá mesmo
 ‘pulou e se transtormou em jacaré preto, e lá mesmo se foi’

- 142) dzema nari taʔu ga ai.

jema nari taʔu ga ai
 lá também sumiu REM onça
 ‘e lá também sumiu a onça’

143) maĩ, maĩ, maĩ naĩ ga ipi numaita ɲu ɲagiʔĩ ri taʔti ri naʔau.

maĩ maĩ, maĩ naĩ ga ipi numaita
 imao irmão irmão assim REM ipi e agora

ɲu ɲagiʔĩ ri taʔti ri naʔau
 chegou falou assim TOP.1 rio TOP.1 grande

‘irmão, irmão, irmão, assim que Ipí chegou, falou assim: - Rio e grande’.

144) maĩ, maĩ maĩ, numata ɲu ɲagiʔĩ meãritatʃi taʔutiʃiʔika inemagu naĩ

maĩ, maĩ, maĩ, numata ɲu ɲagiʔĩ
 imã imã imã até agora chegou o que vamos fazer

meãritatʃi tatʃiʔika inemagu naĩ ga iʔe
 não é bom e rio aquele esta lá assim REM iʔe

‘irmão, irmão, irmão e agora chegou o que vamos fazer agora, disse assim... não é bom’

145) ri taʔtiʃiʔika naɲema dʒa taʔiʃiki ri niʔĩ ina ɲu ga guma taʔtiʃiʔi, dʒeguma ina ɲu

ri taʔtiʃiʔika na-ɲema ja taʔiʃiki ri niʔĩ
 TOP.1 é do rio 3-ele está muito grande TOP.1 3-ser

ina ɲu ga guma taʔtiʃiʔi dʒeguma ina ɲu
 ele chegou REM aquele líquido do rio aquele ele chegou

‘o rio é que está muito grande, e chegou aquele líquido do rio, naquele tempo ele chegou’

146) ga taʔtiʃiʔi ga taʔti ga natʃiʔigu tana ɲa ri irariβaʔeki i niʔĩ eʔãʃi.

ga taʔtiʃiʔi ga taʔti ga natʃiʔigu tana
 REM *nagua* REM *rio* REM *no igarapé também*

na ri irariβa?eki i ni-?i e?ãfĩ.

jogou TOP.1 só poquinho TOP.2 3-ser secou

‘no líquido da água do rio, o igarapé também jogou só pouquinho secou’

147) maĩ, maĩ, maĩ mefĩna dzu?uka i ñemaguŋĩ, pa dzuŋĩ ta?aki pa fãuta?a tama na okira?ĩ

maĩ, maĩ maĩ mefĩna dzu?uka i ñemaguŋĩ

irmão irmão irmão é bom feiteceir TOP.2 se chama ele

o

pa dzuŋĩ ta?aki pa fãuta?a tama na okira?ĩ

P bibelula o quê? neto nao tem 3p preguiça

‘irmão, irmão, irmão nao é bom chamar pajé bibelula. O que ele disse, neto, não tem preguiça’.

148) ga dzuŋĩ tauŋĩ name?ĩ ega ta?tu i?qui ffe?ẽ?ẽgu eri to?edza ri kodzaĩ aimaã i dza

ga dzuŋĩ tauŋĩ name?ĩ ega ta?tu i?qui

REM biberula nao é bom você rio faz

ffe?ẽ?ẽgu eri to?edza ri kodzaĩ aimaã i dza

faz secar porque nossa irma TOP.1 jacarepreto com a onça TOP.2 I.V.

‘Bibelura não é bom você fazer secar o rio porque nossa irmã está com jacaré preto e com a onça’

149) na ga ai na name pa fãuta?a gumagi, mekima idzatfe?ẽe

na ga ai na name pa fãuta?a

foi REM onça vai bom P neto

gumagi mekima i dza ffe-?ẽe

ele está vindo pessoa boa TOP.2 I.V. 3secar

‘foi com onça, é bom entrar neto, porque está vindo essa pessoa boa e vai fazer secar’

150) o dzemana?u?ã natfĩ?iβa nadzu?u ri dzaumare ri dzaumare ri na?i rita pu, na?i

o dzemanaʔuʔã natʃiʔiβa na-dzuʔu ri dzaumare ri dzaumare
 disque.que.ele.ia 3-líquido pulou TOP.1 jogar o líquido TOP.1 jogar o líquido

naʔi rita pu naʔi rita pu, irariβa eki
 peido também som peido também som sópouquinho
 ‘disque que ele ia lá no líquido da água e pulou e jogou o líquido e peidou, pum só pouquinho’

151) i niʔi ʃe dzeri mana na dzaʔi ri taukiraβa na puraki.

i niʔi ʃe dzeri mana na jaʔi ri
 TOP.2 ele é que fez secar porque também 3 diarreia TOP.1

taukiraβa na puraki.

não pode 3 trabalhar

‘ele fez secar porque ele ficou com diarreia não podia mas trabalhar’

152) maĩ, maĩ, maĩ meatari oʔi dza kaβa ka i ɲemagu name niʔi ɲānagiri ga guikata a

maĩ, maĩ maĩ meatari oʔi dja kaβa
 irmão irmão irmão não é bom vovô I.V. kaβa

ka iɲemagu name niʔi ɲānagiri ga guikataka

chama convidar bom ser/existir disse assim REM é bom chamar

‘irmão, irmão, irmão não é bom chamar vovô kaβa que está lá? – É bom, disse assim’

153) namema niʔi ɲātagi ga naeneē dzemanaβai timakana ɲema ga oʔi dza kaβa nima ri βiʔi

na-mema niʔi ɲāta-gi ga na-ēnee dzemanaβai ti-makanaka
 3-é muito bom e ela disse assim pl REM 3-irmão dele e assim depois ele-chamou

ɲema ga oʔi dza kaβa nima ri βiʔi

la REM vovô I.V. kaβa ele TOP.1 um

‘- É muito bom – Ela disse, irmão, assim ele chamou o vovô kaβa’

154) i dza oʔi niʔi ri βiʔi duʔiʔi, niʔi natirita βiʔi dzeβaʔe naka ki niʔiɲegumamemaʔiki

ja	oʔi	niʔi	ri	βiʔi	duʔiʔi	niʔi
I.V.	vovô	ser/existir	TOP.1	um	pessoa	ser/existir

natiʔita	βiʔi	jeβaʔe	naka	niʔi	ɲegumamemaʔiki	ʔiki
porque também	um	cobra grande	também	ser/existir	comprido	fazer

‘o vovô é uma pessoa e porque também é uma cobra grande e comprida’

155) ɲegumaʔiki dʒema taʔɲu ri tiʔi tukufi ri ri tumare

ɲegumaʔiki	jema	taʔɲu	ri	tiʔi	tukufi
depois de muito tempo	lá	quando ele chegou	TOP.1	ele é	chupou com bico dele

ri	ri	tumare
TOP.1	TOP.1	chupou

‘depois de muito tempo lá ele chegou e chupou com o bico dele, e chupou rio’

156) naʔiʔiβa na dʒuʔu ri ri tumare ri naʔini rita naaku ri nadʒaeiʔe rita naãaku ri

na-ʔiʔiβa	na	dʒuʔu	ri	ri	tumare	ri	naʔini
3-líquido-em	3	pulou	TOP.1	TOP.1	chupou	TOP.1	bumda

rita	naaku	ri	nadʒaeiʔe	rita	naãaku	ri
também	encheu	TOP.1	cabelo	também	emcheu	TOP.1

‘ele pulou em líquido e chupou, a bumda está cheia e os cabelo também encheram’

157) taʔaki ga ã gu notakima baiʔimareʔi ga deʔa.

taʔaki	ga	ã	ɲu	notakima	baiʔimareʔi	ga	deʔa
que que isso	REM		chegou	sim também	alagou	REM	água

‘porque chegou também e alagou a água’

- 158) niʔi peri buʔtʃimi i deʔa pa tʃautaʔã taʔkiga ã niʔi tari butʃimiʔi ga taʔti
 niʔi peri buʔtʃimi i deʔa pa tʃautaʔã
 pra ele você rolou TOP.2 água e netos
 taʔkika ã niʔi tari butʃimiʔi ga taʔti
 porque ela também enrolou REM rio
 ‘você rolou a água porque os netos também rolaram o rio’
- 159) dʒemaria tatiʔtʃineʔegu namaʔã dʒanapuʔi ga ai ɲina ta dʒapuʔi dʒa ai ri ɲiʔi itʃigaʔi ri
 dʒemariã tati tʃineʔegu namaʔã ja napuʔi ga ai
 aquele rio na entrada do rio com ele se deitou REM onça
 ɲina ta dʒa puʔi ja ai ri ɲiʔi itʃigaʔi ri
 foi embora PROJ quase pegou I.V onça TOP.1 ela quase comeu ela TOP.1
 ‘aquele rio na entrada dele se deitou a onça e foi em embora; quase pegou a onça’
- 160) ɲumariʔitaʔa ɲidziʔi dʒeri natʃiga niʔi ɲemãki nena ɲu ri ɲenetanapeʔi mari
 ɲumariʔitaʔa ɲi-dziʔi dʒeri natʃiga niʔi ɲemãki nena
 como agora ela também porque 3-história ser/existir é assim
 ɲu ɲenetanapeʔi mari
 chegou eles trouxeram ja
 ‘como agora também, porque a história assim foi e chegaram e trouxeram’
- 161) ri pa tʃautaʔa taʔkika niʔi naʔogi ri ɲe ga deʔa ga naʔaaku
 ri pa tʃa-utaʔa taʔkika ni-gi na-ʔogi ri
 TOP.1 1-neto por que 3-abl 3-vomitou TOP.1

ñe ga deʔa ga na-ʔaaku
 derramou REM água REM encheu

‘ – Meus netos, porque ele vomitou e derramou aquela água?’

162) *ñeguma ta naʔfunaʔĩ ga ai dʒeguma tana dʒauʔuʔĩ ga guʔĩma ga namaʔfi meʔama*

ñeguma ta na-ʔfunaʔĩ ga ai dʒeguma tana
 naquele tempo PROJ 3 abriu REM onça naquele tempo 1p.pl

dʒauʔuʔĩ ga guʔĩma ga namaʔfi meʔama
 pegou REM todo REM carne nada mesmo

‘naquele tempo abriram a onça e todos pegaram carne e não deixaram nada mesmo’

163) *nanadegi ga guĩma ga timamaʔfi jumata meʔama nagu, mari na guʔgu ri*

na na degi ga guĩma ga timamaʔfi
 3 3 tirou REM todo REM carne dele

jumata meʔa-ma nagu mari na guʔgu ri
 até-agora muito.bem-AUX acabar já 3 acabar TOP.1

‘pegaram todos as carne dele até terminar mesmo, quando acabou, já terminara tudo’

164) *timatʔika nakugi dʒeguma ina dʒunagi ri nori riʔĩtaʔa na maʔi, tauʔĩ ipebaiʔatʔie pa ʔfauʔakia.*

ri timatʔika na kugi je-gu-ma i na junagi ri nori
 TOP.1 lugar 3 choutar esse-LOC-AUX TOP.2 3 levantar TOP.1 primeiro

riʔĩtaʔa na maʔi tauʔĩ i pe-baiʔatʔie pa ʔfa-uʔakiagi
 como.ante 3 viver nao TOP.2 23-assustar atenção 1-filhos

‘e chutou no lugar dela, depois de muito tempo se levantou como antes e disse: - Não se assustem meus filhos!’

5. Conclusão

Neste estudo, pus em relêvo o livro *TORU DÛ'ÛGU*, nosso primeiro livro, feito pelos Tikúna e para os Tikúna, com a sábia calma do nosso povo. O livro é uma marco na história da conquista da escrita do povo Tikúna não só porque para que ele existisse os professores praticaram a difícil tarefa de transcrever a fala de nossos sábios, respeitando as palavras destes e o modo como falaram, sendo esses professores ainda aprendizes da técnica da escrita, mas é também um marco na história da escrita de nossa língua, pois pela primeira vez o conteúdo escrito atem-se á nossa história sagrada que tem unido a grande nação Tikúna através de gerações.

Procedi a uma primeira análise desse livro, em que eu exercitei a minha aprendizagem da linguística nos dois anos que passei no Laboratório de Línguas Indígenas da Universidade de Brasília, e onde cheguei ás seguintes conclusões. É necessário o investimento na formação linguística dos professores indígenas. É necessário que eles aprendam a ver a sua língua de uma forma diferente, para que possam desenvolver metodologias de ensino de língua que sejam ao mesmo tempo compatíveis com a metodologia de ensino de cada povo, mas que permita também um ensino formal das línguas indígenas brasileiras, para que esta possa se fortalecer diante do ensino formal da língua Portuguesa nas escolas das aldeias.

Com os resultados desta dissertação, que é a minha própria análise dos níveis fonético, fonológico e morfológico da minha língua, poderei levar para os professores Tikúna questões importantes sobre as relações entre língua, escrita, e ensino formal de nossa língua nativa. Assim poderemos juntos aprofundar as nossas ideias de como fazer crescer o nosso trabalho de professor em busca de uma aprendizagem de serventia para os Tikúna. Queremos aprofundar a ideia de letramento de forma que este privilegie a nossa cultura nativa e não os modos de pensar e viver do mundo com o qual os Tikúna apenas convivem.

6. Referências bibliográficas

ACUÑA, Cristóbal de. Novo descobrimento do grande rio das Amazonas. Rio de Janeiro: Agir, 1994.

ARGAÑARAZ, Silvina Bustos. *Das trevas da floresta... Práticas missionárias dos capuchinhos da Úmbria no Alto Solimões (1910 – 1960)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Museu Nacional, UFRJ, 2004.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso (1990) *Dicionário de Linguística e Gramática*. Petrópolis: Vozes.

_____ (1989) *Princípios de Linguística Geral*. Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora.

CARVALHO, Fernando Orphão. Estruturas Fonéticas da Língua Tikúna: Um Estudo Acústico Preliminar. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, 2010.

Cururu tchiga. Benjamin Constant/Brasília: Organização Geral dos Professores Ticuna Bilíngues/Ministério da Educação, 2002.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha . Unificação x Diversificação Ortográfica: um dilema indígena ou de linguistas?. In: RODRIGUES, Aryon Dall'Igna; CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara (Org.). *Novos Estudos sobre Línguas Indígenas*. 1 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005, v. , p. 23-33.

LOWE, I. (1960) “ Tikúna Phonemics”. Ms. Summer Institute of Linguistics. Acervo do CELIN, Museu Nacional, Rio de Janeiro.

LYONS, John. *Lingua(gem) e Linguística*. Rio de Janeiro: LTC, 1990

GRUBER, Jussara Gomes (coord.). *Ngí'ã tanautchicunaagu: Um manual da escrita*. Benjamin Constant/Brasília: Maguta-CDPAS/SECAD/MEC, 1992.

_____. *O livro das árvores*. Benjamin Constant: Organização Geral dos Professores Ticuna Bilíngues, 1997.

PAYNE, T. E. *Describing morphosyntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

RODRIGUES, A. D. Contribuições das línguas brasileiras para a fonética e a fonologia. *Language in the Americas* (org. por D. F. Solá). Ithaca: Cornell University, 1984 pp. 263-267

_____, *Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas*. D.E.L.T.A. 9(1). São Paulo, 1993a pp. 83-103.

Rodrigues, Aryon D. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.

Rodríguez, M. E. *Tonologia de la Lengua Ticuna*. CCELA: Universidad de los Andes: Colômbia, 1995.

Rodríguez, M. E. *Morfosintaxis de la Lengua Tikúna*. CCELA: Universidad de los Andes: Colômbia, 2004.

SOARES, M. F. “Traços Acústicos das Vogais em Tukuna”. *Cadernos de Estudos Linguísticos* 7, 1984 pp.137-175.

_____. “Alguns Processos Fonológicos em Tukuna”. *Cadernos de Estudos Linguísticos* 10, 1986 pp. 97-138.

_____. “Núcleo e Coda: A Sílabas em Tikúna”. In: Wetzels, L. (org.) *Estudos Fonológicos de Línguas Indígenas Brasileiras*. Editora da UFRJ, 1995 pp.195-263.

_____. *O Suprasegmental em Tikúna e a Teoria Fonológica*. Editora da UNICAMP, 2000.

_____. Soares, M. F. (2005) “Da Representação do Tempo em Tikúna”. In: A. D. Rodrigues & A. S. A. C. Cabral (orgs.) *Novos Estudos Sobre Línguas Indígenas*. Editora da Universidade de Brasília, 153-167.

WEISS, Helga E.. *Fonética articulatória; guia e exercícios*, 2a edição (revista e ampliada). Brasília: Summer Institute of Linguistics. xvi, 1980.

Werigu aru ae. Benjamin Constant/Brasília: Organização Geral dos Professores Ticuna Bilíngues/Ministério da Educação, 2002.